



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

HALLANA MOREIRA RAMALHO DA COSTA

**CASO GEORGE FLOYD: UMA ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO DAS
NOTÍCIAS DE CASOS DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NA IMPRENSA
BRASILEIRA**

Brasília

2020

HALLANA MOREIRA RAMALHO DA COSTA

**CASO GEORGE FLOYD: UMA ANÁLISE DO ENQUADRAMENTO DAS
NOTÍCIAS DE CASOS DE RACISMO E INJÚRIA RACIAL NA IMPRENSA
BRASILEIRA**

Monografia apresentada como requisito para conclusão
do curso de graduação em Jornalismo da Universidade de
Brasília, sob orientação da Profa Dra. Dione Oliveira
Moura.

Brasília

2020

HALLANA MOREIRA RAMALHO DA COSTA

**Caso George Floyd: uma análise do enquadramento das notícias de casos de
racismo e injúria racial na imprensa brasileira**

Aprovada ____/____/____

Banca Examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Dione Oliveira Moura
Orientadora - UnB

Titular: Profa. Dra. Kelly Martins Quirino
Avaliadora - UnB

Titular: Profa. Dra. Liziane Soares Guazina
Avaliadora - UnB

Suplente: Profa. Dra. Suzana Guedes Cardoso
Avaliadora - UnB

Brasília

2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais Eridan e João que sempre me apoiaram e proporcionaram todo amor e estrutura necessários para que eu chegasse até aqui.

À minha irmã Hislla, uma mulher e professora mais do que incrível, que se dispôs a revisar este trabalho.

Às minhas avós Benedita e Raimunda que me iluminam sempre com seus preciosos conselhos e emanam sabedoria.

À querida Prof^a Dr^a Dione Moura que me orientou com paciência e me inspirou ao longo da vida acadêmica.

A todos os amigos que me fortaleceram e tornaram minha jornada mais leve e divertida.

Aos que estenderam a mão nos momentos de dificuldade.

Aos bons papos que tive com pessoas incríveis nos corredores do ICC e nas mesas do RU.

Aos projetos que participei e aos grandes autores que li.

Às mulheres pretas e homens pretos que me inspiraram ao longo dessa caminhada.

Por fim, agradeço a Deus pela vida e por poder cantar.

RESUMO

Esta pesquisa tem como escopo analisar o enquadramento jornalístico das notícias de casos de racismo e injúria racial contra negros no Brasil a partir do caso George Floyd e discutir acerca da manifestação do racismo estrutural na representação e participação do negro na mídia. De maneira específica, o objetivo é investigar, se houve uma mudança na abordagem das reportagens sobre racismo após o caso nos seguintes veículos de comunicação: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1.

Palavras chave: Jornalismo. Racismo. George Floyd. Mídia. Enquadramento.

ABSTRACT

This research aims to analyze the journalistic framing of news about the cases of racism and racial injury against black people in Brazil, from the case of George Floyd and also discuss about the manifestation of structural racism in the black representation and participation on the media. In fact, the specific objective is to research if there was a change in the approach of the news report about racism after the mentioned case in the following Brazilian communication vehicles: O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e G1.

Keywords: Journalism. Racism. George Floyd. Media. Framing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Infográfico - Raça e gênero do elenco principal no cinema brasileiro	20
Figura 2 – Infográfico - Raça e gênero dos roteiristas no cinema brasileiro	20
Figura 3 – Infográfico - Raça e gênero dos diretores no cinema brasileiro	20
Figura 4 – Infográfico - Raça e gênero dos colunistas dos principais jornais do país	21
Figura 5 – Gráfico- Notícias de casos de racismo e injúria racial no cotidiano	34
Figura 6 – Gráfico do quantitativo das matérias nas categorias de temas	34
Figura 7 – Gráfico- Enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria	35
Figura 8 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1	37
Figura 9 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1	39
Figura 10 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1	41
Figura 11 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial na FSP	43
Figura 12 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no ESP	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS.....	12
1.1 Pergunta de pesquisa.....	12
1.2 Objetivo geral	12
1.3 Objetivos específicos	12
2 JUSTIFICATIVA	13
3 REVISÃO TEÓRICA	14
3.1.Racismo e violência policial na cobertura jornalística	14
3.2 E se George Floyd fosse brasileiro?	17
3.3 O silêncio dos bons	18
3.4 “Quer dizer então que somos um povo racista?”	18
3.5 A participação dos negros no audiovisual e no jornalismo brasileiro	20
4 RACISMO ESTRUTURAL E MIDIÁTICO.....	22
4.1 Processos históricos	24
4.2 Negro Drama: a representação do negro nas novelas brasileiras	25
4.3 O negro no cinema brasileiro.....	26
4.4 A estética da violência no cinema contemporâneo	28
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
5.1 Enquadramento	31
6 A PESQUISA	33
6.1.1 Antes do caso	33
6.1.2 Depois do caso George Floyd	34
6.1.3 Análise da cobertura do G1	36

6.1.4 Resultados G1	42
6.1.5 Análise da cobertura da Folha de S. Paulo	43
6.1.6 Resultados FSP	46
6.1.7 Análise da cobertura do Estadão	47
6.1.8 Resultados Estadão	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICE - URL DAS NOTÍCIAS -.....	57

INTRODUÇÃO

O racismo estrutural (ALMEIDA, 2018), como parte dos processos políticos e históricos da sociedade brasileira, sempre motivou diversos tipos de violências contra a população negra. Contudo, o tema parecia não ter valor notícia e era negligenciado pela imprensa.

Para Muniz Sodré (1998), o racismo midiático é suscitado por fatores como a negação, o recalcamento, a estigmatização e a indiferença profissional. “A mídia tende a negar a existência do racismo, a não ser quando este aparece como objeto noticioso, devido à violação flagrante desse ou daquele dispositivo anti-racista ou a episódicos conflitos raciais” (SODRÉ, 1998, p.2). Desta forma, nas notícias, os crimes e situações de racismo do cotidiano são tratados como casos isolados até mesmo quando a questão racial possa ser o enfoque da reportagem.

Segundo levantamento da Rede de Observatórios da Segurança (RAMOS *et al*, 2019), realizado entre junho de 2019 a maio de 2020, por meio do monitoramento de notícias, foi identificada uma disparidade entre notícias de policiamento, violência e casos de racismo. De 12 mil registros feitos, apenas 50 deles relatavam racismo e injúria racial, enquanto notícias sobre ações policiais totalizaram mais de 7 mil, entre essas houve apenas uma menção à palavra negro e nenhuma menção a palavra racismo. Ainda de acordo com o relatório, foram mais de mil mortos e feridos em ações policiais nos estados da Bahia, Ceará, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, a maioria eram pretos e pardos.

O documento demonstra que, embora este grupo social seja predominante dentre as vítimas de violência, esse fato está ausente do debate público.

[...] É o racismo que orienta a atuação dos instrumentos que operam na realização de fenômenos diversos da violência, e que conforma os produtos discursivos, numa composição que vai das abordagens policiais às mortes e às prisões de jovens negros das favelas e acaba nas notícias cotidianas sobre guerra às drogas e à criminalidade [...] Há um silenciamento apenas aparente das dinâmicas raciais envolvidas nas questões ligadas à violência quando observamos as coberturas jornalísticas. Ao buscarmos os termos mais óbvios para essa investigação, como “morte de jovem negro”, “racismo”, “violência racial”, encontramos o silêncio, a ausência de informações (RIBEIRO & SANTANA *et al*, 2019, p.15-16).

Um exemplo é a cobertura da Chacina do Cabula em 2015 feita pelo jornal Folha de S. Paulo na qual o enquadramento das notícias foi episódico, como mostra a pesquisa realizada por Kelly Quirino e Dione Moura (2017).

as notícias e textos de opinião (artigos, coluna e crítica cinematográfica) relacionados com a chacina foram selecionados e avaliados por meio da análise de enquadramento, o enquadramento da notícia a torna factual, diretamente relacionada a um evento – a ação da polícia – e os conteúdos não dialogam com contextos mais gerais como os autos de resistência, a violência sumária da polícia e a própria atuação da Anistia Internacional nessa pauta (QUIRINO & MOURA, 2017, p.163-164).

Em 2020, um crime de racismo em Minneapolis, Minnesota/Estados Unidos, pareceu conseguir mobilizar mais a imprensa brasileira do que os casos ocorridos no Brasil. No dia 25 de maio, o caso George Floyd escancarou a truculência policial contra os negros nos Estados Unidos e impulsionou uma onda de protestos. O homem negro de 46 anos foi filmado sendo sufocado pelo policial branco Derek Chauvin, que prensou o joelho sob seu pescoço por mais de 8 minutos até a morte enquanto Floyd, já imobilizado, dizia: “Não consigo respirar”, frase que virou emblema da luta antirracista.

O crime motivou protestos em mais de 75 cidades estadunidenses e em vários países. Lojas foram queimadas, estátuas derrubadas e centros comerciais destruídos. Segundo a Associated Press¹, mais de 9 mil pessoas foram presas nos Estados Unidos nos primeiros oito dias de protestos. Em plena pandemia do Coronavírus, uma multidão foi às ruas e a frase *Black Lives Matter* (Vidas pretas importam) foi ouvida nos quatro cantos do mundo.

Segundo levantamento realizado nesta pesquisa, após o caso George Floyd, houve um aumento de notícias citando a palavra-chave “racismo” nos sites dos jornais Folha de São Paulo, Estado de S. Paulo e no portal G1. Entre março e maio de 2020, foram publicadas ao todo 91 matérias, enquanto nos dois meses posteriores ao caso George Floyd, os conteúdos dos três veículos somaram mais de 300 matérias.

1 Associated Press. AP tally: Arrests at widespread US protests hit 10,000. Disponível em: <<https://apnews.com/article/bb2404f9b13c8b53b94c73f818f6a0b7>>. Acesso em: 08 out. 2020.

No dia 5 de junho de 2020, uma edição especial do Globo Repórter² reexibiu um debate sobre racismo do programa *Globonews em Pauta* com as jornalistas negras Glória Maria, Maju Coutinho, Aline Midlej, Flávia Oliveira, Zileide Silva, Lilian Ribeiro e mediado pelo âncora do *Jornal Nacional*, Heraldo Pereira. Eles debateram sobre o assunto de maneira didática e incisiva, e também compartilharam suas histórias de vida.

Finalmente, o assunto parece ter ganhado a notoriedade necessária para o mercado das notícias. Os grandes veículos resolveram abordar o tema como um dos principais problemas sociais do país. Mas afinal, por que o caso George Floyd gerou tanta mobilização da imprensa brasileira? Porque os casos ocorridos no Brasil foram negligenciados por tanto tempo? Houve de fato uma mudança no enquadramento das notícias dos casos cotidianos de racismo e injúria racial após o caso? E quanto as reportagens sobre a violência contra jovens negros, passaram a mencionar o fator racismo?

1. PERGUNTA DE PESQUISA E OBJETIVOS

1.1 Pergunta de pesquisa

Qual foi o enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria racial na imprensa brasileira a partir do caso George Floyd?

1.2 Objetivo geral

Analisar o enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria racial na imprensa a partir do caso.

1.3 Objetivos específicos

Identificar se houve o aumento de reportagens que abordam o racismo após o caso nos sites dos veículos de comunicação: G1, Folha e O Estado de S. Paulo.

² G1. Globo Repórter especial debate o racismo com Glória Maria e time de jornalistas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/globo-reporter/noticia/2020/06/04/globo-reporter-especial-debate-o-racismo-com-glora-maria-e-time-de-jornalistas.ghtml>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Analisar o enquadramento jornalístico das notícias por meio do *clipping*. Realizar a revisão teórica e contextual dos crimes noticiados antes do caso. Identificar a manifestação do racismo estrutural na grande mídia (TV, cinema) e a sua influência na construção de identidades.

2. JUSTIFICATIVA

Enquanto mulher preta, posso afirmar que é impossível ignorar a realidade em torno da questão racial no Brasil pois é algo que violenta e mata pessoas negras todos os dias. Os dados apresentados até aqui provam o quanto esse debate ainda precisa ser enfatizado pela imprensa.

Inicialmente, o tema desse trabalho seria “A representação do negro no cinema brasileiro”, por ser um assunto do meu interesse. Comecei o processo de escrita, porém, as várias tragédias que ocorreram ao longo do ano me fizeram mudar o rumo da pesquisa, e a repercussão do caso George Floyd foi uma delas. Após o ocorrido, notei que vários outros casos de racismo ganharam mais notoriedade na grande imprensa e passaram a ser denunciados em diversos veículos online, programas e telejornais.

Enquanto escrevia este trabalho outras barbáries vieram a acontecer como o caso de João Alberto, espancado dentro de uma unidade da rede de supermercados Carrefour em Porto Alegre, dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra. Novos protestos tomaram as ruas e as redes sociais. Confesso que cheguei a ficar bastante abalada em alguns momentos. Mas continuei pois este trabalho, além de ser uma maneira de contribuir para um debate tão fundamental, é minha forma de protesto.

Outra motivação importante na decisão do tema, foi o projeto de iniciação científica (PIBIC) que participei em 2016, desenvolvido e orientado pela Prof^a Dr^a Dione Moura. Na pesquisa, de título “*A participação das mulheres, a identidade racial e os novos formatos de empreendimentos jornalísticos*”, discutimos, com base na revisão bibliográfica e recorte racial, o impasse da feminização no jornalismo não ter levado mulheres a cargos de liderança na profissão. Ademais, realizamos por meio

da análise de portais jornalísticos e entrevistas, um levantamento das ações dos coletivos de mulheres jornalistas no DF e em outros Estados da federação que combatem o racismo, machismo e lgbtfobia no âmbito jornalístico. Assim, tive a oportunidade de, pela primeira vez, entrevistar as jornalistas negras mobilizadas em torno da Comissão de Igualdade Racial (COJIRA) e do Coletivo de Mulheres do Sindicato dos Jornalistas do DF (SJPDF), Juliana Nunes e Verônica Soares, e a então presidente do SJPDF, Leonor Costa.

O resultado do projeto PIBIC mencionado é uma introdução ao presente trabalho; nele, concluímos que o Distrito Federal ainda carecia de iniciativas de novos empreendimentos jornalísticos com mulheres e/ou mulheres negras na liderança. Por outro lado, o levantamento e os depoimentos das entrevistadas demonstraram que a pauta da defesa dos direitos de igualdade racial e dos direitos das mulheres já haviam crescido no DF, fatores que comprovam a importância das ações do Sindicato dos Jornalistas em conjunto com o meio acadêmico (por meio de realização e participação em pesquisas) e o movimento negro (por meio de campanhas de mobilização e/ou de denúncia) para promover as mudanças em torno das questões racial e de gênero no jornalismo brasileiro as quais, de acordo com a atual pesquisa, já estão ocorrendo.

3 REVISÃO TEÓRICA

3.1 Racismo e violência policial na cobertura jornalística

Em 2013, o caso Amarildo³ denunciou para o mundo a violência policial nas favelas e mobilizou inúmeros protestos pelo país. A pergunta “Cadê o Amarildo?” foi mote para a luta por justiça nas favelas e periferias do país. Devido a repercussão do caso, houve uma cobertura ostensiva dos grandes jornais, mas o viés em pauta, era o da violência policial, não o racismo. Em 2015, 111 tiros foram disparados por PMs contra o carro onde estavam 5 jovens negros sem antecedentes criminais, porque foram “confundidos” com bandidos (Chacina de Costa Barros⁴). Segundo o estudo de

3 Amarildo Dias de Souza, pedreiro e morador da Favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, desapareceu em julho de 2013 depois de ser levado pela polícia para prestar esclarecimentos.

4 Em 28 de novembro de 2015, os jovens negros, moradores de Costa Barros, Wilton Júnior, (20) Wesley Rodrigues (25), Cleiton Souza (18), Carlos Eduardo (16) e Roberto Silva de Souza (16) foram alvejados

Quirino (2018) o enquadramento das reportagens sobre o ocorrido, publicadas na Folha de S. Paulo, foi episódico, ou seja, sem enfoque para a questão racial.

Todos os anos, a violência, manifestação mais extrema do racismo, tira a vida de milhares de jovens negros. Segundo o Mapa da Violência (WASELFSZ, 2016) da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em 2014 o homicídio de negros por arma de fogo aumentou 46,9% enquanto o de brancos diminuiu 26,1%. A estimativa, de acordo com mapa, é que a cada vinte e três minutos um jovem negro é assassinado no Brasil.

Outro levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em 2015, confirma a estimativa: entre 2004 e 2014 houve crescimento em mais de 18,2% na taxa de homicídio de pessoas negras em relação a outros indivíduos.

[...]Um indivíduo afrodescendente possui probabilidade significativamente maior de sofrer homicídio no Brasil, quando comparado a outros indivíduos [...] Em 2014, para cada não negro que sofreu homicídio, 2,4 indivíduos negros foram mortos [...] Aos 21 anos de idade, quando há o pico das chances de uma pessoa sofrer homicídio no Brasil, pretos e pardos possuem 147% a mais de chances de ser vitimados por homicídios, em relação a indivíduos brancos, amarelos e indígenas[...]. Não obstante, analisando dentro de cada unidade federativa, é gritante a diferença de taxa de homicídio entre negros e não negros, que chega a ser abissal (CERQUEIRA *et al*, 2016, p. 22-25).

Dados mais recentes mostram que essa estatística não mudou. Segundo o Instituto de Segurança Pública (ISP) do Rio de Janeiro, em 2019 cerca de 78% dos mortos por policiais eram homens pretos e pardos, enquanto brancos eram 12, 7%. Em março de 2018, Marielle Franco⁵, vereadora do PSOL e mulher preta, foi assassinada. A socióloga, oriunda da Favela da Maré, no Rio, era uma das principais vozes de intelectuais negros que denunciavam o genocídio da população negra devido aos abusos de poder da força policial nas comunidades. Por ser vinculada a esquerda, qualquer defesa aos direitos humanos e combate ao racismo, passaram a ser associados

pela polícia voltando de uma lanchonete.

5 Em 14 de março de 2018, a vereadora do P-SOL Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes foram assassinados no Estácio, centro do Rio. Até hoje a polícia fluminense não conseguiu esclarecimentos sobre quem foi o mandante e o motivo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/feminista-negra-e-cria-da-mare-quem-foi-a-vereadora-marielle-franco.shtml>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

a uma luta partidária. Ademais, a ascensão de discursos de ódio impulsionou a polarização da opinião pública sobre o assunto.

Em junho do mesmo ano, mais uma morte na Maré: Marcos Vinícius⁶ da Silva, de 14 anos, negro, foi baleado por policiais a caminho da escola, durante uma operação. Ainda consciente, o garoto perguntou para sua mãe, em suas últimas palavras: “Ele não viu que eu estava com roupa de escola?”.

Em abril de 2019, mais um carro é fuzilado com 80 tiros “por engano” em uma ação do Exército pelo mesmo motivo da chacina de Costa Barros. A vítima? O músico Evaldo Rosa dos Santos⁷, um homem negro, a caminho de um chá de bebê com a família. Meses depois, em setembro, Ágatha Félix⁸, uma criança negra de 8 anos, é atingida por um tiro de fuzil disparado a esmo por um PM na comunidade da Fazendinha no Complexo Alemão.

Em maio de 2020 a história se repete. Outro adolescente, João Pedro⁹, 14 anos, é alvejado dentro de casa pela polícia em São Gonçalo, durante uma perseguição a traficantes. Poucas semanas depois, dia 2 de junho, Miguel Otávio¹⁰, um garoto, negro de 5 anos, filho da empregada doméstica Mirtes Souza, cai do 9º andar do prédio ao ser deixado aos cuidados da patroa de sua mãe por instantes, durante a pandemia da Covid-19.

6 Marcos Vinícius foi alvejado nas costas quando estava a caminho da escola durante uma intervenção federal no complexo de Favelas da Maré em junho de 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/22/politica/1529618951_552574.html>.

7 O crime aconteceu no dia 7 de abril de 2019, em Guadalupe, Zona Norte do Rio de Janeiro. Conforme a perícia, os militares confundiram o carro do músico com um carro roubado no mesmo dia. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/politica/1554727102_750351.html?rel=listapoyo>. Acesso em: 24 jun. 2020.

8 A criança voltava para casa da escola de Kombi com a mãe na comunidade da Fazendinha, no Complexo Alemão, quando foi baleada nas costas. Testemunhas dizem que não havia confronto no momento que PM efetuou o disparo .

Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/09/23/entenda-como-foi-a-morte-da-menina-agatha-no-complexo-do-alemao-zona-norte-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

9 João Pedro foi morto no dia 18 de maio enquanto brincava com primos e amigos dentro da casa da família durante uma operação da Polícia Federal em conjunto com a Core (Coordenadoria de Recursos Especiais) da Polícia Civil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/policia-cometeu-uma-serie-de-irregularidades-no-caso-joao-pedro-diz-defensoria.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

10 Miguel Otávio, caiu após ser deixado aos cuidados da patroa da mãe, enquanto ela levava o cachorro da família para passear. A patroa, Sari Corte Real, primeira-dama de Tamandaré, foi presa por homicídio culposo e solta após pagar fiança. Disponível em <<https://g1.globo.com/pe/paranagu%C3%A1/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>> Acesso em: 06 jun. 2020.

Como resquício da violência colonial, os racismos institucional e estrutural (ALMEIDA, 2018) afetam pessoas pretas todos os dias no Brasil. Para Abdias do Nascimento (1978), o uso dessas violências objetivam o extermínio de um grupo racial, político ou cultural (NASCIMENTO, 1978). Tais heranças se manifestam na negligência da imprensa brasileira acerca da questão, como foi documentado no levantamento da Rede de Observatórios da Segurança.

3.2 E se George Floyd fosse brasileiro?

Um caso parecido com o do norte-americano Floyd aconteceu em 2019, dentro de um supermercado da Rede Extra, na Barra da Tijuca, Zona Sul do Rio. Pedro Henrique Gonzaga¹¹, de 19 anos, foi filmado sendo sufocado com um golpe de mata-leão por um dos seguranças do estabelecimento. O vídeo, que viralizou na internet, gerou indignação de alguns e indiferença de outros, mas pouco protesto. A empresa alegou que o segurança agiu em legítima defesa a uma tentativa de furto. Contudo, o jovem já estava imobilizado, bastando apenas a detenção.

No momento, alguns clientes chegaram a alertar que ele já estava desacordado, mas sem sucesso: o segurança continuou a agressão, que ocasionou a morte do rapaz horas depois. A mãe, que também estava no local, alegou que o filho estava sob efeito de drogas e tinha problemas mentais. Houveram manifestações tímidas nas redes sociais e alguns movimentos negros organizaram pequenos atos.

Tantos casos não pareceram suficientes para que a grande imprensa pautasse a opinião pública sobre o racismo, tampouco para gerar protestos antirracistas em larga escala pelo país. Apenas silêncio.

3.3 O silêncio dos bons

Embora exista no Brasil um enorme histórico de crimes de racismo, em decorrência dos racismos estrutural e institucional, ver reportagens temáticas sobre os casos na imprensa ainda é novidade. Por anos, o real problema por trás do genocídio da

11 G1. Jovem morre após 'gravata' de segurança em mercado na Barra. 14/02/2019. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/02/14/jovem-e-levado-desacordado-a-hospital-apos-gravata-de-seguranca-em-hipermercado-na-barra-rio.gtm>> Acesso em: 15 ago. 2020.

população preta, foi negligenciado ou pautado apenas no mês da Consciência Negra ou no dia 13 de maio. No artigo sobre a Imprensa Negra, Sodré (1998) explica um dos motivos para a invisibilização da questão racial na mídia:

a mídia organiza-se empresarialmente, com motivações de lucro e poder semelhantes às de outras iniciativas industriais. Diferentemente da imprensa tradicional, que podia bater-se por causas públicas ou políticas, a mídia contemporânea pauta-se pelos ditames do comércio e da publicidade, pouco interessados em questões como a discriminação do negro ou de minorias. Os profissionais midiáticos acabam dessensibilizando-se com problemas dessa ordem. Por outro lado, é reduzida a presença de negros nas fileiras profissionais da mídia brasileira. Quando indivíduos de pele escura conseguem empregar-se em redações de jornais ou em estações de televisão, mesmo que possam eventualmente ocupar uma função importante, são destinados a tarefas ditas “de cozinha”, isto é, aquelas que se desempenham nos bastidores do serviço, longe da visibilidade pública (MUNIZ, 2011, p.2).

De acordo com pesquisa realizada pelo instituto do Senado Federal DataSenado, em conjunto com a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), 56% da população brasileira concorda com a afirmação de que “a morte violenta de um jovem negro choca menos a sociedade do que a morte de um jovem branco”. Esse dado mostra o grau de indiferença de boa parte dos brasileiros a respeito da questão.

Silvio Almeida (2019) ressalta que o silêncio torna o indivíduo ético e politicamente responsável pela manutenção do racismo e alerta para a urgência da conscientização sobre o tema como parte da estrutura social brasileira, pois além de promover entretenimento e informar, os meios de comunicação são capazes de dar visibilidade para debates importantes e, assim, influenciar opiniões e identidades.

3.4 “Quer dizer então que somos um povo racista?”

Em razão do mito da democracia racial, há uma negação generalizada do racismo brasileiro e muitos ainda levam um “susto” quando se deparam com o assunto. Para o brasileiro, racista é quem separa e “não o que nega a humanidade de outrem” (GUIMARÃES, 2009). Desta forma, a negação acaba se tornando uma estratégia central de reprodução da hegemonia. Ela pode ser notada explicitamente no livro “Não

somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor” (2006) de Ali Kamel, diretor da Central Globo de jornalismo desde 2009.

O livro é uma resposta a discussão sobre a questão das cotas para negros nas universidades brasileiras. O autor defende argumentos fundamentados no mito da democracia racial, pautados na falsa crença de que a sociedade brasileira não é racista, e refuta pesquisas de sociólogos como Oracy Nogueira e Fernando Henrique Cardoso, que comprovam a existência do racismo no Brasil.

Para Kamel (2006), o Movimento Negro se apropriou da tese “equivocada” de que o Brasil é um país racista e por isso é o responsável pelo racismo. Ele contesta as teses de Nogueira e FHC, e define a aplicação da política de cotas uma espécie de institucionalização do racismo. O jornalista ainda afirma ter levado um “susto” ao descobrir que o Brasil é um país racista e questiona ironicamente: “quer dizer então que somos um povo racista?” (KAMEL, 2006, p.17).

De acordo com Van Dijk (2008),

o consenso branco que nega a existência do racismo constitui um elemento bastante poderoso para a sua reprodução, especialmente porque uma resistência bem-sucedida requer atenção pública, cobertura da mídia e pelo menos um reconhecimento parcial das reivindicações. (DIJK, 2008, p. 167-169).

Posto isso, o autor considera “a negação uma estratégia central de gerenciamento sociopolítico” pois contribui para o controle da resistência. Ao negar a existência do racismo, a mídia e os líderes políticos podem restringir o debate amplo das questões raciais e, dessa forma, favorecer a permanência das relações de poder vigentes (OLIVEIRA, 2019).

Em contraposição ao pensamento predominante defendido por Ali Kamel, a jornalista Flávia Lima afirmou em um artigo publicado na *Folha de S. Paulo*:

“Sim, somos racistas.[...] Se veremos mudanças mais profundas nas Redações, ainda é muito cedo para dizer. Mas deveria estar claro o quão importante é termos profissionais com experiências distintas participando de todas as etapas da produção jornalística e falando também de política, economia, saúde e segurança pública [...] É certo que razões históricas e estruturais nos trouxeram ao lugar em que estamos, mas elas têm sido descortinadas já há algum tempo e, portanto, não podem ser usadas

eternamente como justificativa para o imobilismo da mídia” (LIMA, 2020, p. 9)¹².

Considerando as falas de Lima (2020) e Dijck (2008), é possível afirmar que o discurso de Kamel é apenas parte da estratégia de reprodução da hegemonia disseminada por muito tempo na mídia tradicional brasileira.

3.5 A participação dos negros no audiovisual e no jornalismo brasileiro

Além de pautar a discussão de determinados temas pelo público, os veículos de comunicação também impõem o que falar sobre esses temas. Por serem instrumentos de grupos sociais influentes, os veículos de comunicação possuem um papel fundamental na formação da opinião pública e da identidade social. No Brasil, é nítido identificar o grupo que possui maior capacidade de expressão, mas a imprensa nega que seja preconceituosa (DJICK, 2008).

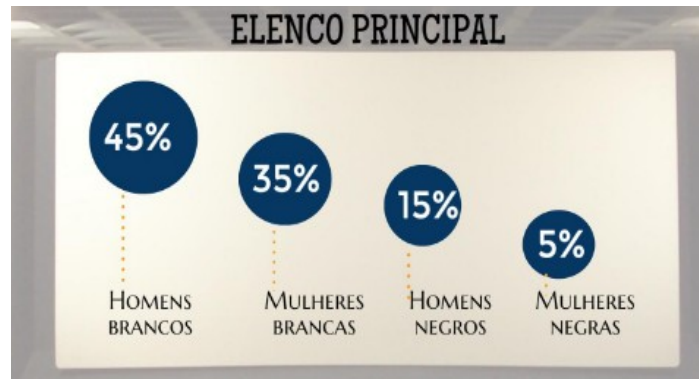
O mercado audiovisual e jornalístico ainda tem dificuldades em ampliar as narrativas na representação dos negros como aponta o levantamento “Raça e gênero no cinema Brasileiro”¹³ do Grupo de Estudos Multidisciplinares de Ação Afirmativa (GEMAA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. De 2002 a 2012 foram analisados os 20 filmes nacionais de maior bilheteria de cada ano e foi identificado que nos cargos de direção desses filmes, 84% são homens brancos e apenas 2% dos diretores são homens negros e não há mulheres negras. Na categoria roteiristas apenas 4% são homens negros.

Outra pesquisa do GEMAA sobre gênero e raça no jornalismo brasileiro, identificou uma disparidade: colunistas de cor branca correspondem a 91% no jornal O Globo, 96% na Folha de São Paulo e no Estadão 99%. A FSP não possui colunistas negras. O jornal O Globo apresentou 4% de mulheres negras nessa função, enquanto o Estadão apenas 1%.

12 LIMA Flávia. **Sim, somos racistas**. Folha de São Paulo. 07/06/2020. Ombudsman. Disponível em : <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/flavia-lima-ombudsman/2020/06/sim-somos-racistas.shtml> Acesso em: 15 jun. 2020.

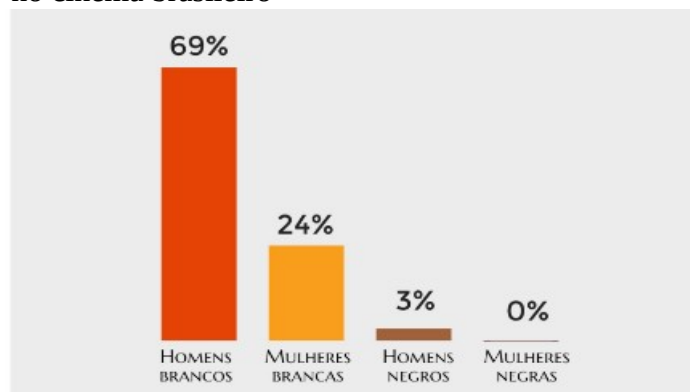
13 GEMAA. Raça e gênero no cinema brasileiro 2001- 2014. Disponível em: _<<http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/raca-e-genero-no-cinema-brasileiro-2002-2014/>>/. Acesso em: 30 jun. 2020.

Figura 1 - Infográfico - Gênero e raça do elenco principal no cinema brasileiro



Fonte: GEMAA, 2014

Figura 2 - Infográfico - Gênero e raça dos roteiristas no cinema brasileiro



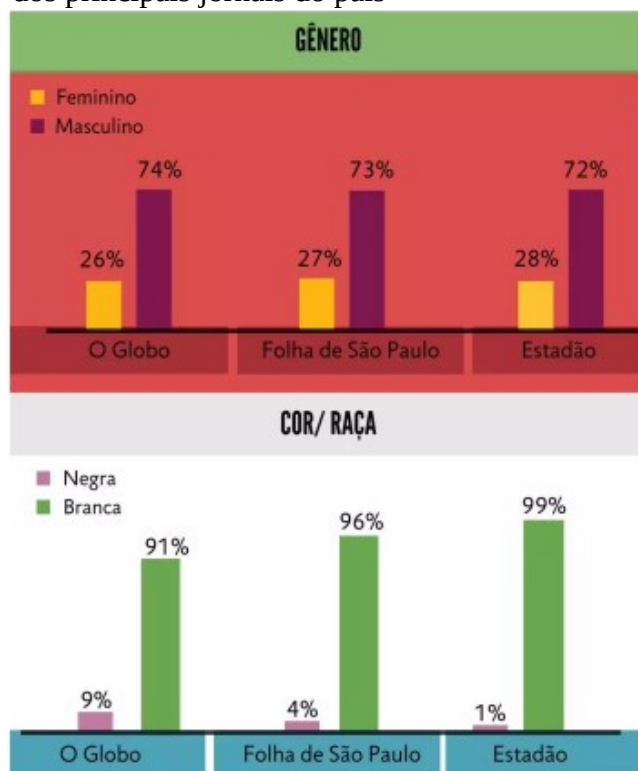
Fonte: GEMAA, 2014

Figura 3 - Infográfico- Gênero e raça dos diretores no cinema brasileiro



Fonte: GEMAA, 2014

Figura 4 - Infográfico- Gênero e raça dos colunistas dos principais jornais do país¹⁴



Fonte: GEMAA, 2020

4 RACISMO ESTRUTURAL E MIDIÁTICO

De acordo com o Relatório das Desigualdades de Raça, Classe e Gênero¹⁵, também realizado em 2019 pelo GEMAA, 55% da população brasileira é formada por pretos e pardos enquanto brancos correspondem a 46%. O percentual de negros com nível superior completo é de 15% e de brancos 18%. Entre 2011 e 2019, as taxas de desemprego entre o primeiro grupo aumentou para 14%, e para o segundo apenas 9%. Além disso, a média de salário dos negros empregados é inferior. Nas categorias de

14 GEMAA. Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colunistas dos principais jornais do país, 2014. Disponível em: < <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

15 GEMAA. Relatório das Desigualdades de Raça, Classe e Gênero, 2019. Disponível em: <http://gemma.iesp.uerj.br/infografico/relatorio2020/?fbclid=IwAR37nCCL38J6iqeMpVvLj5cnY4Ww5die_iDk5x15_EYXA0KVx2jUmuyw0YI>. Acesso em: 22 nov. 2020.

trabalhos manuais e não manuais, técnicos, supervisores, profissionais, proprietários e empregadores, a média de salário para pretos e pardos é de 900 e um pouco mais de 2 mil reais, enquanto para brancos está entre mil e 4 mil reais.

Segundo Silvio Almeida (2018) o racismo, sob a perspectiva estrutural, faz parte de processos políticos e históricos. O autor destaca três tipos de concepção do racismo: a individual, a institucional e a estrutural e ressalta a importância de reconhecer o problema como parte de uma estrutura social.

[...]o racismo é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas (ALMEIDA, 2018,p.24).

No racismo institucional, o domínio se dá por meio do estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial dominante no comando das instituições sociais (ALMEIDA, 2018).

Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas (ALMEIDA, 2018, p. 28).

De acordo com Djamila Ribeiro (2019), o racismo é um sistema de opressão que nega direitos e não um simples ato da vontade de um indivíduo e, portanto, é necessário reconhecê-lo como um problema “que está em constante processo de atualização” (RIBEIRO, 2019, p.8). A filósofa também faz apontamentos sobre o equívoco de entender o racismo de uma perspectiva individual.

o que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. A questão é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente — a inação contribui para perpetuar a opressão (RIBEIRO, 2019, p. 7).

Nos próximos capítulos, irei abordar demais aspectos do conceito de racismo estrutural, de acordo com estudos recentes de demais pesquisadores, filósofos e jornalistas como Laurentino Gomes, Neusa Santos, Florestan Fernandes dentre outros.

4.1 Processos históricos

Segundo Laurentino Gomes, durante três séculos e meio o país foi o maior território escravista do ocidente e chegou a receber quase 5 milhões de africanos escravizados, ou seja 40% dos 12 milhões e meio de pessoas escravizadas. Dados do Censo Brasileiro revelam que há cerca de 115 milhões de pessoas classificadas como pretos ou pardos (GOMES, 2019).

essa foi a experiência mais determinante na história brasileira, com impacto profundo na cultura e no sistema político que deu origem ao país depois da independência em 1822. Nenhum outro assunto é tão importante e tão definidor para a construção da nossa identidade. Estudá-lo ajuda a explicar a jornada percorrida até aqui, o que somos neste início de século XXI e também o que seremos daqui para a frente (GOMES, 2019, p. 28-29).

Em seu livro Tornar-se Negro (1983), a psicanalista Neusa Santos destaca :

a sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (SANTOS, 1983, p.19)

Mais tarde, o mito da democracia racial deslegitimou as violências sofridas pela população negra e passou a fundamentar a crença da harmonia entre as raças (FERNANDES, 2008). Por outro lado, nos espaços de poder reinava uma minoria branca e nas telas o padrão de beleza europeu era o ideal, fatos que consequentemente influenciaram na construção identitária dos brasileiros.

A aceitação do negro foi pautada no conceito de humanidade definido pelo Ideal de Ego branco e na negação da negritude por meio do embaquecimento forjado nas relações interracialis e a ascensão na estrutura de classes. Para ser digno de respeito o negro precisou se submeter ao padrão branco. (SANTOS,1983). “A história da

ascensão social do negro brasileiro é, assim, a história de sua assimilação aos padrões brancos de relações sociais” (SANTOS, 1983, p.23).

4.2 Negro Drama: a representação do negro nas novelas brasileiras

A construção do imaginário social relacionado às pessoas negras no Brasil criou uma naturalização do estigma de inferioridade, onde a sociedade não consegue enxergar negros desempenhando outros papéis sociais. O mito da democracia racial, ainda prevalece não apenas no jornalismo, mas também em outras esferas da produção das grandes emissoras como a Globo. As novelas são um exemplo concreto dessa realidade como demonstra o estudo do cineasta Joel Zito Araújo (2008) sobre o negro na dramaturgia brasileira.

Araújo (2008) explica que essa internalização cultural do racismo acontece pois o imaginário latino-americano é baseado na vontade de fazer deste continente um continente europeu. Ele afirma que a reprodução da ideologia da superioridade branca nas novelas contribuiu para formar um padrão ideal de beleza.

A escolha dos galãs, dos protagonistas, celebra modelos ideais de beleza europeia, em que, quanto mais nórdicos os traços físicos, mais alto ficará o ator ou atriz na escolha do elenco[...]. No lado contrário, os atores de origem negra e indígena serão escalados para representar os estereótipos da feiúra, da subalternidade e da inferioridade racial e social, de acordo com a intensidade de suas marcas físicas, seu formato de rosto, suas nuances cromáticas de pele e textura de cabelo, portanto de acordo com o seu grau de mestiçagem (ARAÚJO, 2008, p. 983).

Sendo assim, a construção da identidade da pessoa negra brasileira se dá a partir de um Ideal de Ego branco. “Esse ideal é formado a partir de imagens, palavras, representações e afetos compartilhados entre o sujeito e a cultura” (SANTOS, 1983, p.4). Esse mecanismo da violência racista engatilha processos psíquicos de alteração do pensamento e gera um “estado de alienação” e a perda de identidade.

O fetichismo em que se assenta a ideologia racial faz do predado branco, da brancura, o “sujeito universal e essencial”. O branco é o padrão. O negro é vítima dos efeitos dessa alienação e passa a negar aquilo que contradiga o mito da brancura (SANTOS, 1983, p. 4).

Atualmente, há uma mínima tentativa de desconstruir o Ideal de Ego branco, mas ele ainda prevalece na grande parte das novelas e filmes brasileiros. Ademais, a nova abordagem do negro nas telenovelas ainda é bastante problemática pois é uma representatividade forjada pelo olhar do branco. A maioria dos personagens representados por pessoas pretas seguem sendo os mesmos: o escravo, a mulata hipersexualizada, a empregada, o marginal, entre outros. A impressão é que o mercado (propaganda, cinema, novelas) faz questão de aprisionar os negros nesses papéis sociais (ARAÚJO, 2008).

4.3. O negro no cinema brasileiro

Além da TV, o cinema brasileiro também contribuiu para a manutenção do pensamento racista e perpetuação dos estereótipos do negro como exótico, irracional, inferior e submisso. Segundo Charney & Schwartz (2004), o cinema teve grande influência no processo de construção da identidade nacional e das representações raciais.

Nos primórdios do cinema brasileiro, durante a Bela Época (1896-1912), predominavam temas indianistas e temáticas afro-brasileiras eram pouco abordadas (RODRIGUES, 2014). O cinema nacional buscava alcançar reconhecimento internacional e, por isso, o Brasil era retratado como uma civilização europeia tropical (STAM, 2008, p.124).

O desejo de embraquecimento era reforçado em personagens negros estereotipados. Nos anos 30, o Estado interveio na indústria cinematográfica, e os temas dos filmes passaram a ser guiados pelo nacionalismo e a celebração da miscigenação, ideologia que perdurou nas décadas de 40,50 e 60 (CARVALHO, 2005).

Das comédias mais ufanistas da chanchada aos filmes realizados pelos jovens de esquerda, foi o negro, metáfora do povo, quem ocupou o centro da representação. Todas as vezes que os filmes trataram do pobre, do sambista, do proletariado, do malandro, do morador do morro ou do subúrbio, do favelado, do explorado, do carnaval, do jogador de futebol etc, e não forma poucas, recorreram aos atores negros e mulatos (CARVALHO, 2005, p.9).

Na década de 60, o movimento de jovens cineastas contra o modelo hollywoodiano seguido pelas grandes produtoras brasileiras, criou o movimento artístico e político Cinema Novo (RODRIGUES, 2014). Cineastas como Glauber Rocha, Cacá Diegues e Nelson Pereira dos Santos, por meio da produção independente, trouxeram para o cinema nacional, uma estética que valorizava a realidade da cultura brasileira e abordavam problemas sociais como a fome e a violência. Desta forma, filmes como Rio, 40 graus (1955), Barravento (1962), Ganga Zumba (1964), Cinco Vezes Favela (1962), que tiveram uma forte presença de atores negros, foram destaques na primeira fase do Cinema Novo .

Apesar da tentativa do Cinema Novo de abordar a temática racial, a representação do negros ainda era limitada, sempre associada a pobreza, fome e marginalidade. Nos anos 1970 e 1980, surgiram cineastas dedicados em construir o real protagonismo e realizar seus próprios filmes, como o ator Zózimo Bulbul, principal diretor negro do período e criador do Cinema Negro. O cineasta, juntamente com membros da luta antirracista, se engajou em criticar essa ideologia enraizada no cinema e buscava uma revisão da história do negro no século XX (CARVALHO, 2012).

[...] nos roteiros que chegaram ao meu conhecimento de diretores, amigos ou não, o negro não tinha destaque. Era aquilo neutro. Botavam para fingir um bandido aqui, outro ali, um alienado, uma coisa sem consistência. E fui ficando decepcionado. Tanto que botei na cabeça que teria que dirigir, que escrever minha história [...] É uma coisa fantasiosa da cabeça deles, [...] como vêem o negro [...] Então fica aquela coisa pasteurizada, e depois passam na telinha da Globo. Isso comecei a notar [...] e resolvi contar minha história como sei (BULBUL, 1982; p. 16).

Bulbul realizou seu primeiro filme Alma no olho em 1973, inspirado no livro Alma no exílio (Soul on ice), escrito por Eldridge Cleaver, militante dos Panteras Negras. No filme o cineasta faz referências ao escritor Franz Fanon e ao pan-africanismo (CARVALHO, 2012). Em entrevista sobre a produção, o cineasta afirmou:

o Alma no olho foi para mim uma experiência muito forte. Eu mesmo sentei, escrevi e boleei a historinha do filme. Tentei procurar um ator para

fazer o filme. [...] As pessoas pra quem eu mostrei achavam uma coisa maluca, era todo em mímica. Resolvi um dia eu mesmo ir para a frente da câmera com o José Ventura, que era o diretor de fotografia. E o Alma no olho eu fiz assim. (...) Paguei o laboratório, paguei o Ventura. Eu mesmo montei, sonorizei, mixei e botei o letreiro (BULBUL, 1988, informação verbal)¹⁶.

O cinema do final dos anos 70 e década 80 se caracterizou pela visão estereotipada reproduzida nas pornochanchadas e no cinema marginal. Algumas produções cinematográficas abordaram a questão racial, porém, em sua grande maioria, situando as tensões raciais no passado (RODRIGUES, 2014). Após uma crise no campo cultural, que levou a extinção da Embrafilme durante o governo Collor, a década de 90 foi marcada pela retomada do cinema brasileiro e a instauração da Lei do Audiovisual. Filmes como Orfeu (1999) e Como Nascem os Anjos (1996) se voltam novamente para o retrato das periferias urbanas, tendência que se consolidou na pós-retomada do cinema nacional.

4.4 A estética da violência no cinema contemporâneo

No cinema contemporâneo brasileiro dos anos 2000, pós-retomada, o retrato das periferias urbanas se tornou uma marca. Filmes com alusão a estética da fome e da violência, presentes no cinema novo, se tornaram grandes sucessos, como o filme “Cidade de Deus”, premiado no Festival de Cannes e indicado em quatro categorias no Oscar de 2004. O filme é uma obra singular, mas que contém um prognóstico social assustador como afirma a pesquisadora Ivana Bentes.

Bentes relaciona os filmes do cinema contemporâneo ao cinema novo e faz uma crítica a visibilidade midiática sobre a periferia e suas mazelas sociais e ressalta que “os filmes brasileiros contemporâneos que falam da favela refletem um momento de fascínio por esse “outro social”, em que os discursos dos marginalizados começam a ganhar um lugar no mercado” .(BENTES, 2007, p.248) Contudo, tornam a denúncia algo banal.

A profusão de filmes sobre a periferia nos anos 2000 encontrou uma periferia menos amorfa e reduzida à violência do tráfico do que se supunha

16 BULBUL, Zózimo. Entrevista concedida a Ângela Ness e Maria Beatriz Nascimento. Rio de Janeiro, 20 abr. 1988

[...]O que é problemático é que essa visibilidade midiática não implica uma real intervenção no estado de pobreza, que se torna o centro de um discurso humanista e midiático que transforma a denúncia em uma banalidade e fait divers[...] Principalmente quando os filmes de maior bilheteria do cinema brasileiro foram todos beber em temas caros ao Cinema Novo [...]obtendo assim uma aceitação e entrada internacionais. *Mas o que mudou?* (BENTES, 2007 p. 244-248, *grifo nosso*).

Hamburger (2007) considera que esses filmes contribuem para fixar a imagem do favelado como marginal e ao invés de incluí-lo plenamente, reforçam, uma vez mais, sua identidade de excluído. A socióloga Ana Muniz Rodrigues (2014) ressalta,

[...] elemento comum nessas duas tendências é a violência urbana protagonizada pela juventude da periferia, que em sua grande maioria é negra. A construção desse tipo de representação tornou-se uma característica do cinema nacional contemporâneo, na medida em que as produções cada vez mais fazem uso desse imaginário (já tão presente no senso comum) como recurso para o alcance de maior público (RODRIGUES, 2014, p. 28-29).

“A dor do judeus choca, a nossa vira piada”, afirma o rapper Emicida em sua música “*Bang!*” lançada em 2014. Já o artista Baco Exu do Blues, vai direto ao ponto no rap “*Bluesman*”, em que, entre as várias críticas sociais contidas na rima, ele destaca o racismo estrutural e a exploração da estética da violência na representação de pessoa negras: “Eles querem um preto com arma pra cima. Num clipe na favela gritando: Cocaína. Querem que nossa pele seja a pele do crime. Que Pantera Negra só seja um filme” (BLUES, 2018).

O curta-metragem da música *Bluesman* venceu o grande prêmio do Festival Internacional de Cannes Lions, em 2019, o que mostra um maior reconhecimento da música e da produção negra, que se tornaram ferramentas de reafirmação da identidade e uma forma de resistir ao perigo de uma história única, como ressalta a escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009). Para ela, a consequência de uma história única, disseminada pela grande mídia, rouba a dignidade das pessoas e torna difícil o reconhecimento da humanidade.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espolar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e

humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2009, p. 16).

Embora a representação dos negros no cinema brasileiro sempre esteve vinculada ao mito da democracia racial, a produção cinematográfica atual tem retratado o racismo como parte de um problema social do país e as possibilidades de transformação (RODRIGUES, 2014 *apud* MATOS, 2011).

Como Zózimo Bulbul e Adichie, a nova geração negra de intelectuais, artistas, cineastas e influenciadores, criam suas próprias narrativas fugindo do discurso homogêneo e rotulador da grande mídia. Eles se voltam para o Afrofuturismo como forma de ressignificar e expandir o lugar do negro na sociedade brasileira, longe de estereótipos e representações limitadas, como mostra a série “Afronta!”, dirigido pela cineasta Juliana Vicente, lançado em 2020. Uma das entrevistadas da série é a cineasta Yasmin Thayná, diretora do filme *Kbela* (2015). Yasmin ressalta a participação dos atores negros no Cinema Novo, os quais não são lembrados nos estudos de cinema.

“[...] o cinema me reconecta com minha ancestralidade também [...] e eu queria ver um filme que fosse tipo do Zózimo (Bulbul) só que numa perspectiva feminina. Não tinha, eu fui lá e fiz [...], quando voce vê, por exemplo, o filme do Antonio Pitanga, tu vai entender que ele é um ator, importante [...] pro cinema negro, que ele é um preto retinto que passou no mundo inteiro. A Ruth (de Souza) ...a Zezé Motta... [...] Você vai ver o filme dessas pessoas e fala: “Caraca! Os caras fizeram todos os filmes do Cinema Novo e os nomes não aparecem quando tu vai estudar! As pessoas não sabem que existem. É um choque, você olhar a filmografia da Zezé Motta... da Ruth. Essas pessoas, que pautavam o cinema negro, estavam no cinema brasileiro[...] exatamente para criar esse algo maior. Que é essa geração aqui” (THAYNÁ, 2018, informação verbal) ¹⁷.

Nas mídias sociais, manifestações culturais periféricas exaltam a negritude e defendem conceitos estéticos distintos ao passo que empreendimentos negros criam novas formas de articulação política e social. Tantos movimentos revelam algo em comum: a diversidade de histórias que pessoas pretas têm para contar.

17 THAYNÁ, Yasmin . Entrevista concedida para Juliana Vicente, para a série “Afronta” em 2018. Disponível em: < <https://www.netflix.com/br/> >. Acesso em : 15 out. 2020.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O método de pesquisa teve como base o conceito de enquadramento abordado por Porto (2004), e as definições do cientista político Shanto Iyengar (1991), o qual apresentou um dos estudos mais importantes sobre o tema. Também foi utilizado o modelo de análise de Kelly Quirino (2017). A partir desses autores, a autora fez a análise dos enquadramentos da cobertura jornalística em relação a violência e letalidade dos jovens negros em ações policiais e demais aspectos do racismo estrutural na imprensa.

Após a pesquisa bibliográfica acerca dos conceitos de racismo estrutural e institucional no Brasil e enquadramentos, foi realizado levantamento de dados por meio do *clipping* das notícias de casos de racismo e injúria racial no Brasil antes e após o caso George Floyd. Com o objetivo de comparar se houve um aumento significativo de notícias, os dados foram armazenados em planilhas indicando data, título, editoria, veículo e *link* do site. Por meio do recorte do objeto de pesquisa, foi feita a análise do enquadramento das notícias encontradas nos sites dos veículos G1, Folha e O Estado de S. Paulo.

5.1 Enquadramento

Porto (2004) define enquadramentos “*framing*” como “marcos interpretativos construídos socialmente que permitem às pessoas fazer sentido dos eventos e das situações sociais” (PORTO, 2004, p.78). Segundo o autor, o sociólogo Erving Goffman foi o primeiro a usar o conceito em análises de interações sociais no livro *Frame Analysis* (1972). O conceito também foi aplicado na comunicação pela socióloga Gaye Tuchman na obra *Making News* (1978), a autora defende que as notícias impõem um enquadramento que define e constrói a realidade (PORTO 2004).

Contudo, foi o estudo de Todd Gitlin, acerca da cobertura da Guerra do Vietnã, que melhor estruturou o conceito de enquadramento. Gitlin analisou a relação entre os movimentos sociais e os meios de comunicação e definiu enquadramentos midiáticos como “padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam o

discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira” (GITLIN, 1980, p. 7 *apud* PORTO, 2004, p. 6).

Para Iyengar (1991), há dois tipos de enquadramentos: o episódico e o temático. Na obra *Is Anyone Responsible?*(1991), ele investigou como o enquadramento das notícias sobre problemas políticos e sociais na TV afetava a opinião pública.

Iyengar conclui que atribuições de responsabilidade funcionam como marcos de referência importantes no processo de formação de opinião. A conclusão principal do autor é a de que o enquadramento episódico faz com que as pessoas atribuam a responsabilidade pelos problemas políticos e sociais a indivíduos, em lugar da consideração de forças ou fatores sociais mais amplos. Em consequência, a relação entre estes problemas e ação ou falta de ação de líderes políticos fica obscurecida. O autor ressalta, todavia, que os efeitos de enquadramento tendem a depender do tema, em lugar de refletir um mesmo padrão universal (PORTO, 2004, p.10).

Segundo a pesquisa, isso acontece, pois no enquadramento episódico a falta de contexto e a superficialidade nas abordagens do fato dificulta a identificação de demais aspectos do problema pelo telespectador. Em contrapartida, o enquadramento episódico tem enfoque em aspectos pontuais de um fato e limita-se a relatar os acontecimentos, enquanto o temático aborda as questões políticas em torno do caso noticiado com mais profundidade e o relaciona a um contexto mais amplo (QUIRINO, 2017, p. 199-200)

Portanto, o enquadramento temático, expõe os indivíduos a padrões interpretativos e subjetivos do assunto, salientando as opiniões e temas relacionados a notícia junto aos especialistas, fontes, pesquisas acadêmicas de forma a problematizar aspectos citados na notícia. Esse tipo de enquadramento se caracteriza por apresentar um contexto analítico mais amplo, que vai além dos fatos, e por enfatizar o conteúdo numa perspectiva mais ampla para estimular o debate junto à opinião pública (QUIRINO, 2017, p. 133).

Para Rothberg (2007) uma cobertura temática exige que os jornalistas saibam situar os diversos aspectos das políticas públicas em seu devido contexto. Portanto, o enquadramento temático envolve pluralismo e equilíbrio, para conduzir à superação da fragmentação, superficialidade e tendência (ROTHBERG, 2007).

Tendo em vista as definições de enquadramento apresentadas por Porto (2004), e com base nas concepções de Iyengar (1991) utilizadas por Quirino (2017), nesta

pesquisa foram analisadas reportagens de casos de racismo envolvendo: violência contra pessoas pretas em ações policiais, crimes de injúria racial, e outras manifestações do racismo no cotidiano, publicadas nos sites do G1, Folha e O Estado de S. Paulo, de 24 de março a 25 de julho de 2020. Também foi realizada uma análise quantitativa por meio do *clipping*, técnica utilizada nas assessorias de imprensa para mensurar os resultados, com o objetivo de identificar se houve aumento das notícias sobre casos de racismo e injúria racial, e mudança no enquadramento dos jornais.

Desta forma, as matérias com enfoque apenas no fato sem contextualização ou relação com os racismos estrutural ou institucional, por parte do jornalista, foram identificadas como episódicas. Nestas, a crítica ou acusação de racismo foi encontrada apenas nas declarações das vítimas e testemunhas nas aspas, o texto é descritivo e não há menção a dados de instituições como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), a Organização das Nações Unidas (ONU), pesquisas acadêmicas e apontamentos de especialistas. Enquanto notícias e reportagens consideradas temáticas, além de mencionar pesquisas e dados de fontes oficiais, tiveram contextualização com o atual contexto de protestos, havia menção a outros casos de racismo ocorridos no Brasil como o Caso Miguel Otávio¹⁸ e João Pedro¹⁹, além de uma diversidade de fontes.

6. A PESQUISA

6.1.1 Antes do caso

A pesquisa das matérias foi feita por meio do mecanismo de buscas dos sites do G1, Folha e Estado de S. Paulo e G1 utilizando as palavras chave: racismo, Brasil,

18 Miguel Otávio, caiu após ser deixado aos cuidados da patroa da mãe, enquanto ela levava o cachorro da família para passear. A patroa, Sari Corte Real, foi presa por homicídio culposo e solta após pagar fiança. Disponível em <<https://g1.globo.com/pe/paranagu%C3%A1/noticia/2020/06/05/caso-miguel-como-foi-a-morte-do-menino-que-caiu-do-9o-andar-de-predio-no-recife.ghtml>> Acesso em: 06 jun. 2020.

19 João Pedro foi morto no dia 18 de maio enquanto brincava com primos dentro de casa durante uma operação da Polícia Federal em conjunto com a Polícia Civil. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/policia-cometeu-uma-serie-de-irregularidades-no-caso-joao-pedro-diz-defensoria.shtml>>. Acesso em: 25 jun. 2020.

negros. Foi delimitado o recorte temporal de dois meses, antes e depois do caso George Floyd. Busquei as palavras chave no período entre 24 de março e 24 de maio de 2020. Entre este período, no ESP, 25 matérias citaram as palavras-chave, e apenas 13 apresentaram o racismo como tema central. Na Folha, dentre as 20 matérias encontradas, apenas 14 tinham enfoque. No G1, 46 matérias citaram racismo, e 19 tinham enfoque ou denunciavam casos de racismo.

6.1.2 Depois do caso George Floyd

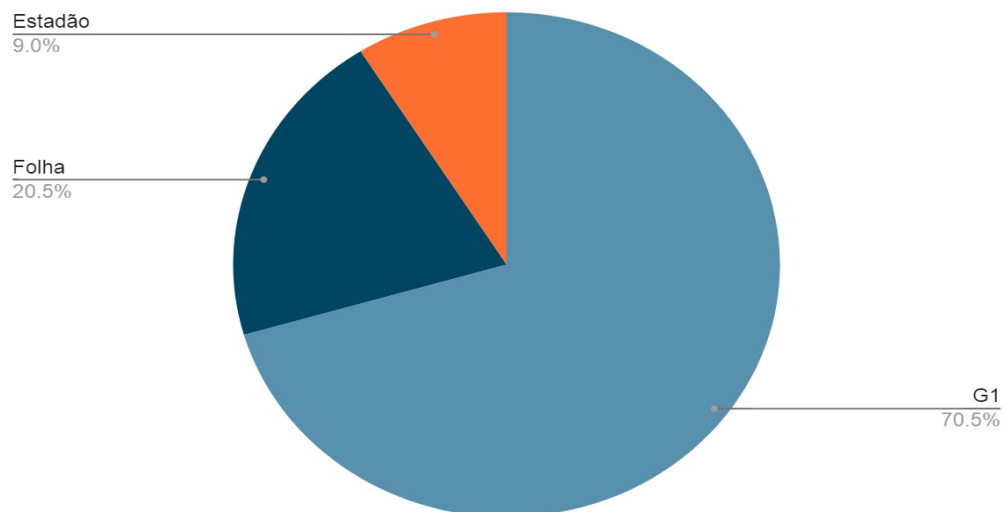
O crime aconteceu no dia 25 de maio de 2020. Desta data em diante, foi possível observar um aumento significativo de reportagens sobre racismo. Busquei pelas palavras chave²⁰, a partir da data da morte de George Floyd até o dia 25 de julho de 2020. No Estado de São Paulo, foram encontradas 65 notícias, na Folha 142 e no G1, mais de 300 notícias citaram as palavras-chave mas, de acordo com os critérios da análise, apenas 234 matérias foram selecionadas. Ao todo, foram publicados 346 conteúdos nos veículos analisados.

Nesta etapa, foi possível observar que as palavras -chave estavam presentes em matérias com 6 tipos de tema, e o mesmo aconteceu nos demais veículos. Para um melhor recorte do objeto de estudo, criei filtros que foram aplicados nas análises de todos os veículos, são eles:

1. Notícias de crimes de racismo e injúria;
2. Artigos opinião, colunas e editoriais;
3. Assuntos diversos envolvendo a pauta racial;
4. Cobertura das manifestações antirracistas no Brasil;
5. Cobertura do caso George Floyd e protestos antirracistas pelo mundo;
6. Lgbtfobia;
7. Xenofobia.

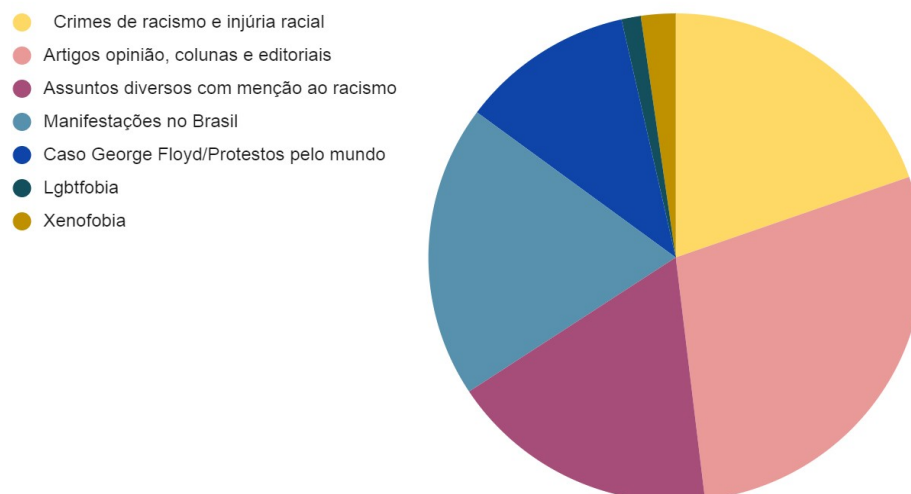
20 Nesta etapa o nome George Floyd não foi utilizado como palavra chave devido a grande quantidade de notícias sobre o caso encontradas. Assim sendo, para um melhor recorte do objeto de pesquisa, optou-se por não utilizá-lo. Além disso em boa parte das notícias analisadas já havia menção ao nome

Figura 5 - Gráfico- Notícias de casos de racismo e injúria racial no cotidiano brasileiro



Fonte: elaboração da autora, 2020

Figura 6 - Gráfico do quantitativo das matérias nas categorias de temas encontradas após o caso George Floyd

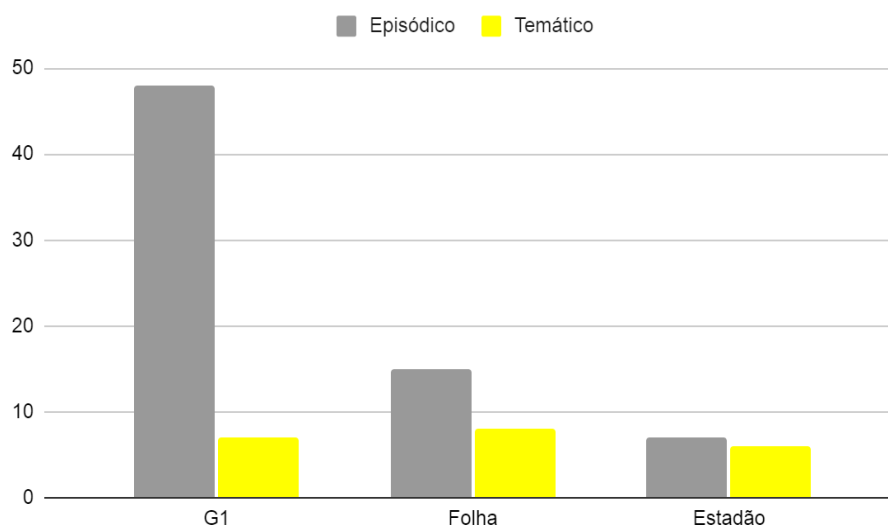


Fonte: elaboração da autora, 2020

O objeto de estudo da análise dos enquadramentos é o item 1 *Crimes de racismo e injúria racial*. As outras categorias foram contabilizadas e serviram para uma análise geral da cobertura dos veículos sobre o tema. Para uma melhor

identificação das matérias analisadas, nas tabelas foi feita a marcação de cor onde o enquadramento episódico está identificado com a cor cinza, e o temático, na cor amarela.

Figura 7 - Gráfico- Enquadramento das notícias de casos de racismo e injúria racial entre maio e julho de 2020



Fonte: elaboração da autora, 2020

6.1.3 Análise da cobertura do G1

O G1 fez uma cobertura ostensiva do caso George Floyd. Na primeira semana após o ocorrido foram publicadas cerca de 28 matérias sobre o caso e mais de 150 matérias na primeira quinzena de junho. Foi realizado o *clipping* de todas as notícias do portal que citavam as palavras chave, porém uma parte das matérias encontradas no *clipping* não tinham enfoque no racismo contra negros no Brasil e no resultado da busca também apareceram notícias com *links* para outros sites do grupo Globo como o *Globoplay*. Sendo assim, coletei apenas as notícias do G1 que totalizaram 234 notícias.

Os conteúdos analisados foram majoritariamente reportagens do cotidiano nas editorias: Política, Pop e Arte e Economia e nas Regiões: Norte, Nordeste, Sul e

Centro-Oeste. Seguem abaixo as categorias e ao lado a quantidade de notícias encontradas:

1. Notícias de crimes de racismo e injúria - 55;
2. Artigos opinião, colunas e editoriais - 40;
3. Assuntos diversos envolvendo a pauta racial - 41;
4. Cobertura das manifestações antirracistas no Brasil -59;
5. Cobertura do caso George Floyd e protestos pelo mundo - 27;
6. Xenofobia -7;
7. Lgbtfobia -5.

Figura 8 - Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1

	Título	Data
1	Fundadora do bloco Ilú Obá de Min denuncia caso de racismo em padaria no Centro de SP	29/05/2020
2	Dono de perfil sobre literatura nas redes sociais, baiano de 12 anos é vítima de racismo: 'Orgulho de minha cor	29/05/2020
3	Cinco alunos suspeitos de racismo em colégio da Zona Sul do Rio são afastados pela direção	27/05/2020
4	MP denuncia delegado por crimes de discriminação e injúria racial durante o carnaval: 'Não almoçaria com essa negrada'	27/05/2020
5	Rixa entre idosos termina em morte em Belo Horizonte	01/06/2020
6	Policial militar do DF é flagrado ao agredir homem negro com cassetete	02/06/2020
7	VÍDEO: novas imagens mostram PMs agredindo homem negro com cassetetes no DF; Polícia Civil investiga	02/06/2020
8	Naquele momento eu só achava que ia morrer', diz homem negro agredido por PMs no DF	03/06/2020
9	Menino que sofreu racismo nas redes recebe surpresa da Academia Brasileira de Letras	03/06/2020
10	Baiano de 12 anos que foi vítima de racismo nas redes sociais recebe doação de livros da ABL	03/06/2020
11	Cafeteria de bairro nobre de Salvador faz post pelo #blackouttuesday e é chamada de racista; empresa pede desculpas	03/06/2020
12	Modelo Raielli Leon acusa Livinho de racismo em gravação de clipe	03/06/2020
13	Ser preto aqui é ter sua identidade apagada': negros relatam como o racismo afeta o cotidiano de quem vive no Ceará	04/06/2020
14	Educafro pede ao MPF abertura de ação penal por racismo contra presidente da Fundação Palmares	03/06/2020
15	Jovem negro sofre ataques racistas nas redes sociais em MS: 'vai lá, resto de incêndio'	04/06/2020
16	Estudante denuncia academia por injúria racial à polícia após troca de mensagens em Sertãozinho (04/06/2020
17	Fariam isso se eu fosse branca?', questiona jovem negra que denunciou agressão por funcionário de mercado	04/06/2020

Fonte: elaboração da autora, 2020.

As cinco primeiras notícias relatam casos de injúria racial, situações racistas e enquadramento episódico. Não há contextualização a respeito do racismo e nas aspas que destacam os depoimentos, não há fala de especialistas tampouco dados estatísticos que apontem o racismo estrutural, apenas relatos das vítimas de injúria. A abordagem é neutra, e também apresenta vídeos e *prints* da rede social das vítimas e criminosos, e/ou a nota das empresas acusadas de racismo.

Nas matérias em que a violência policial é relacionada ao racismo (itens 6, 7, 8, 15, 17) são priorizadas apenas as falas das vítimas, e o posicionamento da Polícia Militar. Em algumas, não aparecem sequer os nomes ou fotos dos agressores, apenas as falas das vítimas, das testemunhas e a retratação dos agressores e acusados (pessoa, empresa ou da instituição pública) como mostra o quadro acima (9, 11, 12, 14, 16).

As linhas em amarelo indicam o enquadramento temático, enquanto as linhas em cinza o enquadramento episódico. O quadro acima mostra a disparidade entre enquadramento episódio e temático nas notícias analisadas, neste primeiro quadro a única reportagem com enquadramento temático é a *‘Ser preto aqui é ter sua identidade apagada’*: negros relatam como o racismo afeta o cotidiano de quem vive no Ceará (item 13).

Após o caso George Floyd, foi possível observar a especificação da raça das vítimas de violência policial em algumas manchetes. Contudo, o enquadramento continuou episódico como na notícia *Policial militar do DF é flagrado ao agredir homem negro com cassetete* (item 6). Nesta, a relação da abordagem policial com o racismo é apresentada na aspas contendo a fala da testemunha (não identificada), que afirma:

imagens foram divulgadas nas redes sociais. Testemunha aponta racismo; corporação fala em 'caso isolado'. "Quando caiu, agonizando de dor, começou a correr, e os policiais jogaram um objeto nele. Ele não tinha feito nada. E se tivesse feito, que policial deixaria ele correr? Senti muito medo, fiquei paralisado. Sabia que eu confrontasse eles, eu que estaria naquele lugar. Eu também sou homem preto, eu sei o que é isso" (G1, 02/06/2020).

Apesar de serem apresentados vídeos, fala da testemunha e da PMDF, a matéria é apenas descritiva. O texto termina com o depoimento da testemunha. No mesmo dia, foi publicada uma nova notícia sobre o caso, incluindo a fala da vítima,

mas é ressaltado que a PM aponta como caso isolado. Na notícia de número 8, a cobertura do caso continua com o mesmo enquadramento episódico, porém, as aspas com a acusação do racismo aparece na fala da vítima.

"Na saída do mercado eu fui abordado por estes PMs que me enquadraram e me revistaram", disse Wellington Luiz Maganha. O homem, que trabalha como vendedor ambulante, explicou que não tinha nada nos bolsos, a não ser um documento. [...] "Se fosse um playboy, um da raça branca, com todo respeito, eu acredito que o tratamento seria diferente"(G1, 02/06/2020).

Na notícia citada acima, além da fala da PM, há a fala de um especialista em segurança, o qual acusa a quebra de protocolo, mas não relaciona o fato ao racismo estrutural ou institucional. Ao final da matéria, a Comissão de Direitos Humanos é citada, mas apenas descreve que a instituição enviou um pedido de investigação à Corregedoria da Polícia Militar.

Figura 9 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1

	Titulo	Data
18	Mãe de santo xingada por presidente da Fundação Palmares presta depoimento ao Ministério Público do DF	04/06/2020
19	Livinho pede desculpas para modelo após acusação de racismo	04/06/2020
20	Canal Xbox Mil Grau é obrigado pela Microsoft a mudar de nome após acusações de racismo	04/06/2020
21	Após ataques racistas, Departamento de Comunicação da UFRN suspende debates virtuais sobre diversidade	05/06/2020
22	Jovem negro diz que foi expulso de casa nos EUA por racismo: 'Me chamaram de lixo'	05/06/2020
23	Caso menino Miguel: 'A nossa supremacia branca é assim', diz historiadora	05/06/2020
24	Caso Miguel: Ato pede justiça para menino que morreu ao cair do 9º andar quando estava sob a guarda da patroa da mãe	05/06/2020
25	Violência policial, humilhação no trabalho e barrado em shopping: negros relatam casos de racismo	05/06/2020
26	MPF abre inquérito para apurar suposto crime de racismo de presidente da Fundação Palmares	05/06/2020
27	Polícia conclui inquérito e indícia 3 estudantes por ataques racistas a aluna de colégio da Zona Sul do Rio	05/06/2020
28	Brasileiros negros contam como sentem e vivem o racismo no dia a dia	07/06/2020
29	VÍDEO: Pianista e cientista social de Araraquara relembram as situações de racismo na rotina	08/06/2020
30	Polícia Civil aponta intolerância racial como motivação para homicídio de idoso em BH	10/06/2020
31	Ele chamava meu pai de macaco e vagabundo', diz filha de idoso assassinado em Belo Horizonte	11/06/2020
32	Homem é preso por racismo e ameaça contra passageiros em ônibus no DF	14/06/2020
33	Achei que iria morrer sufocada como George Floyd', diz mulher negra que teve pescoço pisado por PM em SP	14/06/2020
34	Vítimas de agressões da PM na capital e Grande SP também relatam ameaça de morte e racismo dos policiais; veja vídeos	15/06/2020

Fonte: elaboração da autora, 2020.

As linhas em amarelo, nas figuras 8 e 9 mostram a quantidade de notícias com enquadramento temático (itens 13, 23, 28, 31, e 50), ou seja, há contextualização e a citação de dados oficiais de Secretarias de Segurança Pública, de pesquisas feitas por instituições como o IBGE, falas de ativistas e pesquisadores que relacionam o fato ao racismo estrutural que vitimou George Floyd, João Pedro, Miguel Otávio e tantos outros. Ao todo, quatro matérias abordam desdobramentos do caso Miguel, contudo apenas duas são temáticas e contém falas de especialistas (itens 23 e 55).

Caso menino Miguel: 'A nossa supremacia branca é assim', diz historiadora. Garoto de 5 anos morreu após cair do prédio de luxo de patrões da mãe, empregada doméstica; caso inflamou debate sobre racismo brasileiro em meio a manifestações americanas. Na semana em que protestos motivados pela morte de um homem negro, George Floyd, por um policial branco nos Estados Unidos se espalharam também pelas redes sociais brasileiras, o filho negro de uma empregada doméstica, Miguel Otávio, morreu ao cair de um prédio de luxo no Recife, enquanto estava aos cuidados da patroa, branca. Para a historiadora Luciana da Cruz Brito, professora da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) e especialista em história da escravidão, abolição e pós-abolição no Brasil e nos EUA, a morte de Miguel resume o debate sobre as diferenças entre a questão racial nos dois países (G1, 05/06/2020, *grifo nosso*).

Alguns títulos trazem menção a raça da vítima, como nas reportagens das linhas 22, 25, 33, 34, 39, 44, 51 e 52. Contudo, nestas matérias constam apenas depoimentos das vítimas e o posicionamento da PM. Um exemplo é a reportagem da linha 34 na qual, são citados os crimes de injúria cometido pelos policiais, mas não são citados dados da letalidade de jovens negros pela polícia. A acusação de racismo é exposta na fala da testemunha, irmão do jovem morto. Portanto o enquadramento é episódico, como mostra o texto abaixo:

Vítimas de agressões da PM na capital e Grande SP também relatam ameaça de morte dos policiais. Casos em São Paulo e Barueri aconteceram, respectivamente, na sexta e no sábado e foram gravados por celulares. Ao todo, 14 policiais militares foram afastados das ruas [...] O outro homem agredido pela PM falou sobre como apanhou dos policiais na sexta-feira (12) passada na cidade de Barueri, onde também sofreu ofensa racial. “Você tá f* [palavrão] seu macaco, vou chamar reforço, você vai ver só. Eu falei, não tudo bem, contanto que esse reforço me aborde aqui na frente, eu não vou pro escadão”, lembrou a vítima (G1, 15/06/2020, *grifo nosso*).

Outras notícias com o tema “violência policial” o enfoque é a ação policial como a reportagem de título *Polícia Civil conclui que PM agiu em 'legítima defesa imaginária' ao matar engenheiro durante abordagem em Marau* (item 40) relata um caso onde um jovem negro foi “confundido” com bandidos, mas é uma nota factual e não faz menção ao racismo.

Também não houve um aprofundamento da questão quando o racismo partiu de civis ou de empresas, em algumas há uma contextualização do momento social de protestos antirracistas e o jornalista chega a citar o caso George Floyd, mas o enquadramento continua sendo episódico, como é o caso da reportagem 51. Nesta, o relato da vítima no título da matéria, remete as últimas palavras do norte-americano George Floyd, mas o enquadramento é episódico.

Motoboy que aparece dizendo 'não consigo respirar' em abordagem policial em SP, chora e acusa PMs de tortura em vídeo. Entregador diz ter recebido choques e *spray* na terça (14), quando foi algemado e colocado na viatura porque tinha encoberto placa e guiava com habilitação vencida na capital de SP. Corregedoria da PM vai apurar se ocorreu abuso policial. “Eu achei que também poderia estar nessa estatística de mais um morto pela polícia naquele momento ali”, falou o motoboy sobre o caso de Floyd, que gerou uma onda de protestos contra a violência policial e o racismo nos Estados Unidos (G1,15/07/2020).

Em boa parte das notícias analisadas, como mostram os quadros, não constaram falas de especialistas, professores, movimentos de organização social ou menção às ações de órgãos como a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR). Também não possuem dados do Mapa da Violência contra negros, da ONU, do IBGE ou citam a Lei nº 7.716, que determina o racismo como crime inafiançável. A crítica, ou apontamento do racismo, foi apresentada apenas nas falas das vítimas, ou testemunhas. As fontes se limitaram a polícia, a empresa acusada, as vítimas, testemunhas, redes sociais das vítimas ou aos agressores. Portanto, houve um enquadramento episódico nas reportagens do G1.

Figura 10 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no G1

	Título	Data
35	Anitta condena ataques racistas após Ludmilla receber mensagens nas redes sociais: 'Criminosos covardes que se dizem meus fãs'	17/06/2020
36	Pastor chama fiéis de igreja do Paraná de 'moreninhos, encardidos e sujos' em live, e fala repercute na internet	17/06/2020
37	Ludmilla fala sobre ataques racistas: 'Não vou me esconder. Continuarei denunciando'	18/06/2020
38	Modelo paraense sofre ataques racistas em concurso nacional de quadrilha junina	18/06/2020
39	Estudante gera revolta ao comparar DNA de negros com correntes em SP	20/06/2020
40	Polícia Civil conclui que PM agiu em 'legítima defesa imaginária' ao matar engenheiro durante abordagem em Marau	23/06/2020
41	Cervejaria tira rótulo de produção depois de acusação de racismo	26/06/2020
42	Estudante desiste de faculdade após fazer posts racistas nas redes sociais	25/06/2020
43	Funcionária de loja diz que foi chamada de 'preta safada' por cliente que se recusou a higienizar as mãos com álcool gel	01/07/2020
44	Professor de colégio particular de Niterói, RJ, é vítima de racismo durante aula virtual	02/07/2020
45	MP denuncia três PMs por tortura a adolescente após abordagem violenta e insultos racistas no bairro de Paripe, em Salvador	06/07/2020
46	Polícia Civil instaura inquérito para apurar posts racistas de estudante em SP	07/07/2020
47	Câmera registra momento em que produtora é enforcada em supermercado; vídeo	09/07/2020
48	Professor de Niterói é alvo de ofensas raciais pela segunda vez em menos de um mês	13/07/2020
49	Instituições de ensino do RS são alvo de ataques racistas durante atividades online	10/07/2020
50	Manaus registra sete casos de racismo e injúria racial nos cinco primeiros meses de 2020, diz SSP	13/07/2020
51	Motoboy que aparece dizendo 'não consigo respirar' em abordagem policial em SP, chora e acusa PMs de tortura em vídeo	15/07/2020
52	Advogado de jovem detido pela Guarda Municipal em fila de agência bancária diz que rapaz foi vítima de racismo em abordagem	21/07/2020
53	Polícia investiga abordagem de PMs que deram 'gravata' em motociclista negro	24/07/2020
54	Caso Miguel: garoto que morreu ao cair do 9º andar é homenageado em Tamarandé; prefeito é ex-patrão da mãe dele	07/06/2020
55	Caso Miguel: 'Ele tá vivo, tá viajando. Nunca diga que ele morreu', diz pai de criança que morreu ao cair do 9º andar	07/06/2020

Fonte: elaboração da autora, 2020.

6.1.4 Resultados – G1

Foram analisadas 55 reportagens. Dentre essas, 9 abordaram a violência policial e tiveram enquadramento episódico e apenas 7 matérias tiveram enquadramento temático. Embora o jornal tenha feito uma cobertura mais extensa do caso Floyd, o enquadramento das notícias do cotidiano brasileiro, publicadas entre

maio e julho, é descritivo, sem contextualização do tema ou relação do casos com o racismo estrutural.

6.1.5 Análise da cobertura da Folha de S. Paulo

O jornal Folha de S. Paulo começou a cobertura da morte de Floyd no dia 25 de maio, e, conseqüentemente, dos protestos nos dias seguintes. Foram encontradas 142 notícias. Dentre essas, apenas 118 tinham como enfoque o racismo no Brasil. As editoras são: Cotidiano, Celebidades, Colunas, Ilustrada, Mercado, Esporte. Veja o quadro de matérias analisadas abaixo:

1. Notícias de crimes de racismo e injúria -16
2. Artigos opinião, colunas e editoriais - 59
3. Assuntos diversos com menção a pauta racial - 35
4. Cobertura das manifestações antirracistas no Brasil - 14
5. Cobertura do caso George Floyd e protestos antirracistas pelo mundo -14
6. Lgbtfobia - 0
7. Xenofobia – 2

Figura 11 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial na FSP

	Título	Data
1	Thelma Assis diz que racismo aumentou após BBB e que injúria racial é inadmissível	28/05/2020
2	Canal expulso da Twitch, Xbox Mil Grau leva guerras culturais a mundo dos games	06/06/2020
3	Caso de racismo nos games requer pressão externa para que Xbox se posicione	10/06/2020
4	Dois goleiros pretos que pagaram preço alto pelo fato de serem negros	13/06/2020
5	Idosa é condenada por chamar menino de 'negrinho, macaco e orelhudo' em SP	16/06/2020
6	Ludmilla diz que ataques racistas são tentativa de tirar sua humanidade	17/06/2020
7	Anitta se posiciona sobre ataques racistas que Ludmilla vem sofrendo dos seus fãs	17/06/2020
8	Alcione e outros famosos saem em defesa de Ludmilla após ataque racista: 'Inaceitável'	18/06/2020
9	Cervejaria em SP retira rótulo com ilustração de escrava após acusação de racismo	26/06/2020
10	Modelos lideram denúncias de racismo na moda, e casos aludem até a escravidão	01/07/2020
11	Bombril retira esponja Krespinha do portfólio após acusação de racismo	17/06/2020
12	Vítima de racismo, jogador brasileiro não vai nem ao mercado na Geórgia	06/07/2020
13	Padres e ex-seminarista negros relatam racismo dentro da Igreja Católica	07/07/2020
14	Policial pisa no pescoço de mulher negra e arrasta a vítima na zona sul de SP	13/07/2020
15	Casos de abusos de policiais em abordagem são rotina no Brasil	18/07/2020

Fonte: elaboração da autora, 2020.

A primeira notícia analisada aborda os ataques racistas contra Thelma Assis, campeã do BBB 2020, e contém apenas as falas e opiniões da vítima. A segunda, é sobre um *gamer* de um canal do youtube expulso de uma da plataforma de *Streaming* de games por postar no Twitter uma montagem onde debocha dos protestos pela morte de Floyd.

A terceira notícia também é sobre o mesmo caso de racismo. Apesar de haver contextualização, o texto faz questionamentos e críticas negativas ao fato do *gamer* ter sido “cancelado” na internet por ter uma atitude racista. A quarta notícia se trata de um artigo na editoria Colunas e Blogs, sobre casos antigos de racismo no futebol brasileiro, o caso do norte-americano George Floyd é citado e há um enquadramento temático:

Dois goleiros pretos que pagaram preço alto pelo fato de serem negros.

Não há preconceito apenas contra os treinadores, mas também contra os goleiros. Na verdade é questão tão visceral que fez viralizar o depoimento do ativista e músico ganês radicado no Brasil Nabby Clifford, que até rejeita o termo negro: “O Brasil usa palavras como lista negra, dia negro, magia negra, câmbio negro, vala negra, mercado negro, peste negra, buraco negro, ovelha negra, a fome negra, humor negro, seu passado negro, futuro negro. Não deveria chamar uma criança de negro. (...) Brasileiro quando valoriza alguma coisa não fala negro, ele fala preto. Ele não come feijão negro, come feijão preto. O carro dele não é carro negro, o carro dele é carro preto. Ele não toma café negro, toma café preto. A fome é negra, mas quando ganha na loteria, ganha uma nota preta. Se branco não é negativo, preto também não é negativo”(FOLHA DE S. PAULO, 13/06/2020).

O item 5, da editoria Cotidiano, aborda um caso de injúria racial e possui um enquadramento temático. Além de descrever o fato, o jornalista o relaciona a outros aspectos do racismo estrutural, e apresenta dados do IBGE sobre a letalidade entre homens pretos ou pardos. Uma das entrevistadas é a coordenadora do Afro-Núcleo de Pesquisa sobre Raça, Gênero e Justiça Racial do Cebrap, Márcia Lima.

Idosa é condenada por chamar menino de 'negrinho, macaco e orelhudo' em SP. A pena de um ano de reclusão foi transformada em doação ao Graacc e indenização à vítima[...] A vítima e as outras crianças chegaram chorando em casa. Em sua defesa, a mulher contou que "tomava conta de uma outra criança negra". Mas, para a juíza, a idosa fez essa

afirmação como se fosse um grande favor. A acusada também invocou possuir ancestrais negros, o que a isentaria de atitudes racistas[...] (FOLHA DE S. PAULO, 16/06/2020).

Os itens 6, 7 e 8, publicados na editoria Celebidades, abordam os ataques racistas contra a cantora Ludmilla, e apresentam o posicionamento de outros artistas e apoiadores da artista, contudo o enquadramento é episódico. O item 9 relata o caso de uma publicidade racista por parte de uma cervejaria de SP e tem um enquadramento temático. O mesmo ocorre na notícia do item 11, sobre o produto “Krespinha”, uma palha de aço da marca Bombril que associa a textura ao cabelo de pessoas pretas. Nesta última matéria, consta falas de especialistas como um representante do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (Ceert) e as manifestações de repúdio à empresa.

Bombril retira esponja Krespinha do portfólio após acusação de racismo. Para especialistas, episódio reflete falta de diversidade nas empresas. Especialistas em diversidade avaliam que o episódio reflete a ausência de pessoas negras na cadeia de decisão das empresas. Eles defendem que a diversidade pode evitar situações como essa. (FOLHA DE S. PAULO, 7/06/2020).

A matéria do item 10 contém críticas ao racismo presente na moda brasileira e tem um enquadramento temático. A notícia 12, é sobre um jogador de futebol negro que passa por situações de racismo na Geórgia, país do leste europeu onde ele joga. A matéria tem caráter descritivo. Em seguida, a matéria do item 13, expõe situações de racismo sofridas por padres na Igreja Católica e apresenta dados do IBGE acerca da porcentagem de padres negros no Brasil e de fiéis e também discute aspectos do racismo estrutural.

Padres e ex-seminaristas negros relatam racismo dentro da Igreja Católica. Pastoral Afro-Brasileira estima que apenas 2,7% dos padres no Brasil sejam negros. Isso quer dizer que, dos 14 mil padres no Brasil, os negros somam 380. A situação se repete entre os prelados negros, que são 7,6%, ou 37 de 483. Prelados são autoridades da Igreja, como cardeais, bispos e arcebispos. No Brasil, segundo o diretório da CNBB, há apenas três arcebispos negros. Não há nenhum cardeal negro. A baixa

representatividade negra dentro da Igreja fica evidente quando comparada a quantidade de sacerdotes e de fiéis negros. No Brasil, segundo o censo do IBGE de 2010, católicos somam 64,6% da população. (FOLHA DE S. PAULO, 07/07/2020).

As notícias acerca de crimes policiais contra pretos, constam nos itens 14 e 15. A matéria de título, “Policial *pisa no pescoço de mulher negra e arrasta a vítima na zona sul de SP*” contém um enquadramento episódico. Apesar de se tratar da mesma forma de violência policial sofrida por George Floyd, o caso não é citado na matéria, e também não há menção à palavra racismo. Há especificação da raça da vítima de agressão, porém apresenta apenas os depoimentos da vítima e a fala do governador de SP. Já o item 15 é uma reportagem, com dados da violência policial no Brasil, fala de pesquisadores que relacionam os abusos de poder de policiais ao racismo institucional presente nas corporações de segurança pública. E ainda a reportagem utiliza esse enquadramento temático para abordar outros casos de violência policial contra pretos.

Casos de abusos de policiais em abordagem são rotina no Brasil. Entre as causas estão 'lógica de guerra', racismo, impunidade e aceitação da sociedade. A pesquisadora Edna Jatobá, coordenadora do Gajop (Gabinete de Assessoria Jurídica às Organizações Populares) de Pernambuco, acredita que a solução passa por fortalecer as Corregedorias, dando maior transparência e celeridade na apuração dos abusos. "Na maioria dos casos, os resultados demoram a vir ou simplesmente não aparecem. As pessoas se sentem desestimuladas a prestar queixa, além de terem medo de retaliações", afirma ela, que também defende uma formação sólida sobre direitos humanos e racismo institucional para os policiais (FOLHA DE S. PAULO, 18/08/2020).

6.1.6 Resultados - Folha de S. Paulo

A maioria das notícias sobre crimes de racismo e injúria, tiveram um enquadramento episódico, e as vítimas são pessoas famosas, sub-celebridades, youtubers, jogadores de futebol, modelos e grandes empresas. Não houve uma cobertura dos casos do cotidiano que ocorreram após a morte de George Floyd como o caso do menino Miguel. De 15 matérias analisadas, 8 tiveram um enquadramento

temático. A FSP publicou, no período analisado, 67 artigos de opinião, crônicas e editoriais. Nas categorias de “Assuntos diversos em torno da pauta racial” o jornal publicou 35 conteúdos. Ressalto que os objetos de análise não foram essas matérias, e sim as reportagens do cotidiano.

6.1.7 Análise da cobertura – O Estado de S. Paulo

No período analisado, o jornal publicou 32 matérias nas editoriais: Política, Esporte, Brasil, Cultura, Internacional e Notícias. Apenas 28 tiveram o racismo como enfoque. Apenas 7 matérias relatam casos de racismo no cotidiano. De acordo com as categorias de tema observadas nesta pesquisa o jornal publicou:

1. Notícias de crimes de racismo e injúria - 7
2. Artigos opinião, colunas e editoriais - 14
3. Assuntos diversos envolvendo a pauta racial - 6
4. Cobertura das manifestações antirracistas no Brasil - 1
5. Cobertura do caso George Floyd e protestos pelo mundo - 4
6. Xenofobia - 0
7. Lgbtfobia – 0

Veja o quadro de matérias analisadas abaixo.:

Figura 12 – Quadro de notícias de casos de racismo e injúria racial no ESP

	Título	Data
1	Humilhação pública no trabalho, racismo e Justiça	30/06/2020
2	Grafite: 'Agora a luta está mais igual, mas mudar a estrutura racista ainda vai levar muito tempo	30/06/2020
3	“O negro, se for rico, é aceito”, diz Alex Ferrer	12/07/2020
4	Racismo nos EUA, tradição no Brasil: cidades de São Paulo celebram confederados	14/07/2020
5	George Floyd: o cotidiano brasileiro	23/07/2020
6	No limite' mudou regra, 'ajudou Faustão e teve caso de racismo	23/07/2020
7	Imigrantes e refugiados também contam: acirramento da invisibilidade em tempos de pandemia	28/07/2020

Fonte: elaboração da autora, 2020

A primeira matéria analisada, aborda um caso de racismo no trabalho e discorre a respeito da decisão judicial que determinou o pagamento de indenização da empresa para a vítima. A funcionária de uma empresa automobilística foi submetida a humilhação e ofensas racistas na frente dos colegas, por ter saído mais cedo no dia anterior. Dois de seus superiores passaram fita crepe nos pulsos da funcionária, os amarrando, afirmando que era aquilo que se fazia “com empregado fujão”. O enquadramento é temático pois se aprofunda na questão do racismo estrutural, como mostra o trecho abaixo. No texto há falas de magistrados e também a resposta da empresa, contudo não há o depoimento da vítima.

Humilhação pública no trabalho, racismo e Justiça. [...] O racismo estrutural pode ser entendido, em linhas gerais, como a naturalização de ações, posturas, pensamentos e hábitos que promovam direta ou indiretamente segregação e preconceitos com base em critérios raciais, tais como cor, aparência ou mesmo herança genética e cultural. Por sua característica de transversalidade, a presença do racismo em nossa sociedade, pode ser identificada em maior ou menor medida em diversas áreas, e não raras vezes deságua no chamado racismo recreativo, em que, escondidos atrás de um tom de humor ou brincadeira que os justificaria, diversos pensamentos e ações discriminatórios são disseminados e utilizados como forma de humilhação e opressão contra grupos minoritários [...] (O ESTADO DE S. PAULO, 30/06/2020).

A segunda e a terceira reportagem do quadro são entrevistas publicadas na editoria de Esportes. A segunda relata um caso de injúria racial contra o ex-atacante do São Paulo, Grafite, por um jogador do time rival durante uma partida em 2005. A matéria tem uma abordagem mais leve e tem como enfoque a opinião dos entrevistados, os quais fazem apontamentos acerca do racismo estrutural no âmbito do futebol e contam suas experiências. A onda de protestos por George Floyd é citada nas duas matérias.

Grafite: 'Agora a luta está mais igual, mas mudar a estrutura racista ainda vai levar muito tempo'. Ex-atacante que foi alvo de racismo há 15 anos analisa onda de protestos que ocorrem ao redor do mundo desde a morte de George Floyd. Passado mais de um mês da morte do americano

George Floyd, em Minneapolis, a onda de protestos contra o racismo permanece em diversos países. E no esporte não tem sido diferente: atletas continuam a fazer manifestações, algo que ganhou mais repercussão com a volta dos campeonatos ao redor do mundo. O engajamento dos esportistas deixa o ex-atacante Grafite otimista em relação ao combate por igualdade racial. O hoje comentarista dos canais SporTV acredita que "agora a luta está mais igual", embora pense que ainda vai demorar para as estruturas serem realmente modificadas. Grafite sofreu em campo com o racismo, no primeiro caso que ganhou mais repercussão no futebol sul-americano. Em 2005, quando defendia o São Paulo em partida da Libertadores, o então atacante foi chamado de "negro de merda" pelo zagueiro argentino Desábato, do Quilmes. Grafite acabou expulso pela briga, e o defensor recebeu voz de prisão ainda no Morumbi[...] (O ESTADO DE S. PAULO, 30/06/2020).

A notícia da linha 3, é da editoria Cultura e relata o caso do empresário Alex Ferrer, um homem branco adotado por uma família de pretos, e que por isso, sofreu preconceito. A matéria não contém outras fontes, apenas os depoimentos da “vítima”. Embora cite o caso George Floyd, e tenha a palavra “racismo” no subtítulo, é episódico e ensaístico.

“O negro, se for rico, é aceito”, diz Alex Ferrer [...] “As lembranças são antigas mas tem tudo a ver com o momento atual”, diz o hoje empresário de eventos em Camboriú. De menino, para dar só um exemplo, a professora o maltratava na escola. “Falava mal de minha mãe, dizia que eu era filho de macaco...”. [...] De todos os preconceitos que enfrentou, qual lhe parece o pior? Ser negro, gay ou pobre? “Com certeza, o pior é ser pobre. O negro, se for rico, é aceito, chamam também de doutor”. E o que mais espera é que sua história consiga mudar as pessoas. A mensagem é do tipo “Você luta e consegue chegar lá”. Mesmo quando não consegue, “pelo menos incentiva e abre caminhos”(O ESTADO DE S. PAULO, 12/07/2020).

Na notícia da linha 4, o destaque é um evento que celebra os Estados Confederados da América no interior de São Paulo. A festividade, remete aos tempos de escravidão exalta a bandeira sulista norte-americana, proibida nos EUA. São apresentados as visões de apoiadores e não apoiadores. O enquadramento é temático.

Racismo nos EUA, tradição no Brasil: cidades de São Paulo celebram confederados. Depois da Guerra Civil, milhares de sulistas derrotados se exilaram no País; por décadas, seus descendentes organizaram uma grande festa que atrai milhares de pessoas. Agora, o acerto de contas racial que se seguiu à **morte de George Floyd**, nos EUA, inspira um reexame de valores no Brasil, assim como ocorreu com Marina. De um lado, a Fraternidade de

Descendentes Americanos, o grupo que organiza a festa anual e cuida do cemitério dos confederados. Do outro, a União de Negros pela Igualdade, que vem liderando a iniciativa da comunidade para retirar a bandeira do festival[...] Um lado afirma que a Guerra Civil foi um conflito sobre a escravidão. O outro diz que era uma luta pela independência. A festa deste ano, marcada para abril, foi cancelada em razão do **coronavírus**. Mas, tanto Cláudia quanto João Leopoldo Padoveze, presidente da Fraternidade, que organiza o evento e se recusa a atender os pedidos dos ativistas, sabem que a bandeira vai voltar a tremular. “É a história da minha família”, diz Padoveze. “É racismo”, responde Cláudia. “Quem está certo e quem está errado?”, Padoveze questiona. “Temos visões diferentes de mundos diferentes”, garante a ativista (O ESTADO DE S. PAULO, 14/07/2020) .

O item 5, é um artigo da editoria de Política, a respeito da violência policial. No texto, o advogado Antônio Gonçalves, autor do artigo, critica a passividade da população em relação aos casos ocorridos aqui em comparação aos ocorridos nos EUA ao citar o caso de uma mulher negra que teve o pescoço pisado por um policial branco. Ademais, o autor aponta a desigualdade e a alta letalidade de jovens negros mortos em ações policiais com base em dados do IBGE e da ONU, e faz duras críticas ao Projeto do Pacote Anticrime, vetado pelo Congresso que garantia a “licença para matar” .

George Floyd: o cotidiano brasileiro.[...] no Brasil, temos casos de violência policial e de morte de negros cotidianamente. O mais recente foi praticamente uma reprodução do que acontecera com o norte-americano só que a vítima fora uma mulher de 51 anos em Parelheiros, no extremo sul da cidade de São Paulo. Ela, uma mulher negra, que teve o pescoço pisado por um policial branco, além de ter sido arrastada e novamente imobilizada, agora, com o joelho em seu pescoço. Felizmente, o desfecho brasileiro foi de uma fratura e não de um óbito [...] No entanto, diferentemente do que aconteceu nos Estados Unidos da América, não houve uma revolta popular, apesar da notícia ter reverberado nos meios de comunicação, o que ensejou o afastamento dos policiais em questão. E sabe por quê? Por ser parte da realidade cotidiana da população das regiões periféricas brasileiras [...] A desigualdade social permeia as relações e está presente na suposta segurança oferecida pelo Estado: a ação policial.[..] A Organização das Nações Unidas afirma que um jovem negro é morto no Brasil a cada 23 minutos, além disso, três em cada quatro vítimas de homicídio são negros. A violência é o cotidiano para a população negra de nosso país e, não são atos isolados, a ponto da Corte Interamericana de Direitos Humanos ter condenado o Brasil, em 16 de fevereiro de 2017, pela violência policial imotivada na Favela Nova Brasília que resultou na morte de 26 pessoas. [...] O Brasil investe 1,34% de seu PIB na segurança pública, mas não resolve velhos problemas:

déficit de efetivo policial, falta de manutenção e equipamentos[...]. Como resultado temos uma polícia que atua repressivamente e não preventivamente, pelos mesmos problemas apresentados acima, o que coloca não apenas a população como também os policiais em risco de vida. [...] Se sem a previsão legal já temos um jovem negro morto a cada 23 minutos, imagine com a “licença para matar”? (O ESTADO DE S. PAULO, 28/07/2020).

A reportagem 6 relembra um caso de racismo entre integrantes do programa *No Limite*, da Globo em 2000. Nos primeiros episódios um participante fez declarações racistas, e xingou o colega da equipe rival de “crioulo burro”. O enquadramento é episódico.

A sétima publicação do quadro, e última a ser analisada, é um artigo que aborda o racismo, mas com enfoque na situação dos migrantes; os autores fazem um paralelo aos casos de xenofobia e racismo contra imigrantes, como o caso do migrante angolano João Manuel, assassinado em maio no bairro de Itaquera, zona leste de São Paulo. Este mesmo exemplo, que foi noticiado de maneira episódica pelo G1, teve uma contextualização maior do tema a partir da visão de vários especialistas de diversas áreas como Políticas Públicas, Antropologia, Administração Pública e Ciência Política.

Imigrantes e refugiados também contam: acirramento da invisibilidade em tempos de pandemia.[...] Outro fator que se intensifica neste momento são as manifestações de racismo e xenofobia contra migrantes internacionais e refugiados, que tiveram aumento expressivo em todo o mundo durante a pandemia – levando, inclusive, o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, a dizer que o que estava ocorrendo era um “tsunami de ódio e xenofobia”. Além do preconceito contra chineses, em particular, e asiáticos, em geral – frequentemente associados à propagação da doença -, também houve um crescimento exponencial de casos de racismo contra migrantes e refugiados negros. O caso de João Manuel, migrante angolano de 47 anos assassinado em maio no bairro de Itaquera, zona leste de São Paulo, tornou-se emblemático do acirramento das expressões de racismo e xenofobia no país durante a pandemia. João Manuel foi morto com duas facadas após uma discussão sobre se migrantes teriam ou não direito ao recebimento do auxílio emergencial, e migrantes internacionais do bairro relatam que os ataques racistas e xenófobos já vinham ocorrendo desde antes da agressão – notícias dão conta de ataques verbais e espancamentos. O racismo e a xenofobia também têm consequências práticas na garantia de acesso à saúde para essa população e outros serviços básicos, aprofundando as vulnerabilidades a que estão submetidos e impactando de maneira mais

forte migrantes mulheres, negros, indígenas e aqueles oriundos de países da margem do capitalismo global[...]. (O ESTADO DE S. PAULO, 28/07/2020).

6.1.8 Resultados – O Estado de S. Paulo

Com base nas matérias analisadas, é possível afirmar que a cobertura do *O Estado de S. Paulo* acerca dos casos de racismo do cotidiano, foi pequena porém temática. Em boa parte dos conteúdos publicados, houve contextualização e aprofundamento a respeito do racismo estrutural com dados de Instituições como IBGE, ONU, pesquisas acadêmicas, entre outras fontes.

Os gêneros jornalísticos mais utilizados pelo jornal foram, entrevistas, reportagens, e artigos de opinião, escritos por especialistas, cientistas sociais, entre outros agentes sociais. Alguns autores relacionaram os casos João Pedro e Miguel Otávio a violência policial e ao racismo estrutural. Em contrapartida, no período analisado o jornal não publicou muitas notícias sobre os casos cotidianos em comparação aos outros veículos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa foi observado que após o caso George Floyd houve um aumento de reportagens sobre racismo de maneira geral. Desta forma é possível considerar que o ocorrido foi um marco para o jornalismo brasileiro em relação a quantidade de reportagens. Os veículos publicaram ao todo cerca de 212 matérias abordando diversos aspectos da pauta racial no Brasil, uma quantidade maior do que foi publicado nos dois meses anteriores, que somando os conteúdos dos três veículos, totalizaram apenas 39 reportagens. Ademais, foram publicados muitos artigos de opinião contendo críticas ao racismo estrutural.

Contudo, em se tratando de ocorrências do cotidiano brasileiro houve uma quantidade inferior de matérias e o enquadramento continuou episódico, focado em casos de grande repercussão ou envolvendo figuras públicas. Nessas reportagens não houve contextualização com outros temas como: a alta letalidade de jovens negros

mortos pela polícia. Poucas reportagens sobre ações policiais, que vitimaram pessoas negras, citaram as palavras-chave “racismo”. Alguns casos foram apenas citados nas reportagens dos protestos antirracistas juntamente com o nome de George Floyd.

A partir do conceito de Porto (2004) e de Iyengar (1991), pode-se afirmar que há um enquadramento episódico nas reportagens dos casos de racismo e injúria racial no G1 e um enquadramento temático nos jornais Folha de S. Paulo e Estadão. O G1, publicou uma quantidade maior de notícias sobre casos cotidianos de racismo e injúria racial, mas contendo apenas a descrição do fato e falas das vítimas, de 55 notícias apenas 7 foram temáticas. A FSP fez uma cobertura mais equilibrada, entre 15 matérias encontradas, 7 tiveram um enquadramento episódico e 8 foram temáticas. O jornal O Estado de S. Paulo foi o veículo que publicou menos notícias de casos do cotidiano e dentre as 7 matérias analisadas, 6 eram temáticas, com aprofundamento e contextualização do tema. Ao todo, foram analisadas 77 reportagens.

Retomando o conceito de racismo estrutural de Almeida (2018) e Ribeiro (2019), é importante ressaltar que não basta denunciar crimes de racismo e injúria somente quando surge algum caso de grande repercussão, pois são violências que fazem parte das estruturas e instituições sociais brasileiras e, assim, se manifestam com frequência no cotidiano. Portanto necessitam de cobertura diária e de um enquadramento temático. Como ação antirracista da imprensa, a denúncia deve ser constante.

Considero, a partir dos resultados desta pesquisa, que, em 2020, o jornalismo brasileiro apresentou um novo paradigma impulsionado pela grande repercussão dos casos de racismo e os protestos pelo mundo. Além de uma mensagem de repúdio, as massas declararam guerra contra qualquer tipo de discriminação, de tal forma que o país se encontra em um ponto da luta antirracista onde avançar é a única opção. Se compararmos o atual cenário da abordagem midiática sobre o tema com o resultado apresentado pelas pesquisas de Quirino e Moura (2017) e o levantamento da Rede de Observatórios da Segurança (RAMOS et al, 2019), o caso George Floyd realmente gerou impacto e ocasionou mudanças significativas na abordagem dos casos de racismo nos veículos de comunicação brasileiros, a qual poderá permanecer se a

população, a mídia, a comunidade artística e intelectual se mantiverem firmes em denunciar e fomentar o debate.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen, Coleção Feminismos Plurais, 2019.

ARAÚJO, Joel Zito. **O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência no mito da democracia racial brasileira**. Florianópolis: Estudos Feministas, 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/16.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.

AFRONTA! Direção de Juliana Vicente. Preta Portê Filmes, 2020 Disponível em : <<https://www.netflix.com/br/>> Acesso em: 02 out. 2020.

BENTES, Ivana. **Sertões e favelas no cinema brasileiro contemporâneo: estética e cosmética da fome**. Alceu, 2007

BLUES, Baco Exu. **Bluesman**, 999. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>> 8: 15.

CARVALHO, Noel dos Santos. **O produtor e cineasta Zózimo Bulbul – o inventor do cinema negro brasileiro**. Revista Crioula , 2012.

CERQUEIRA, Daniel *et al.* **Atlas da Violência**. Brasília: IPEA, 2016 Disponível em <https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160322_nt_17_atlas_da_violencia_2016_finalizado.pdf>. Acesso em: 21 ago.2020.

CHARNEY Leo; SCHWARTZ Vanessa R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo. Cosac & Naify, 2004.

COSTA, Hallana M. R. & MOURA, Dione O. **A participação das mulheres, a identidade racial e os novos formatos de empreendimentos jornalísticos**. In: Congresso de Iniciação Científica, 23., 2016, Brasília. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2016.

DIJK, Teun A. Van. **Discurso e Poder**. São Paulo. Contexto, 2008.

EMICIDA. **Boa esperança**. São Paulo. Laboratório Fantasma, 2015. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=AauVal4ODbE>> 7:01. Acesso em: 10 ago. 2020.

O ESTADO DE S. PAULO. **Disponível em:** <<https://www.estadao.com.br/>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro da sociedade de classes**. 5. ed. São Paulo. Globo, 2008.

FOLHA DE S. PAULO. **Disponível em:** <<https://www.folha.uol.com.br/>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

GEMAA. **Jornalismo Brasileiro: gênero e cor/raça dos colonistas dos principais jornais do país**. Rio de Janeiro: UERJ, 2020. Disponível em <<http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colonistas-dos-principais-jornais/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

GEMAA. **Relatório das Desigualdades de Raça, Classe e Gênero, 2019**. Disponível em: <http://gemaa.iesp.uerj.br/infografico/relatorio2020/?fbclid=IwAR37nCcL38J6iqeMpVvLj5cnY4Ww5die_iDk5x15_EYXA0KVx2jUmuyw0YI>. Acesso em: 19 jul. 2020.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro. Globo Livros, 2019.

HAMBURGER, Esther. **Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a idéia de espetáculo**. São Paulo. Novos estudos: CEBRAP, 2007.

IYENGAR, Shanto. The accessibility bias in politics: television news and public opinion. **International Journal of Public Opinion Research**. Vol. 2, n. 1, 1990, p. 1-15.

INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Disponível em:** <<https://www.ispvisualizacao.rj.gov.br:4434/Letalidade.html>>. Acesso em: 10 set. 2020.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LIMA, Flávia. **Sim, somos racistas**. Folha de S. Paulo, p. 9, 2020.

MUNIZ, Raissa Gomes. **Racismo na Mídia: uma análise da cobertura do técnico Andrade**. Brasília: Faculdade de Comunicação UnB, 2011.

NASCIMENTO, Abdias do. **Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

OLIVEIRA, Daniele. **Não somos racistas**: a negação do racismo no discurso da mídia corporativa brasileira. International Journal of Language and Linguistics. Bahia, 2017 . Disponível em: <<https://www.finersistemas.com/atenaeditora/index.php/admin/api/artigoPDF/18452>>. Acesso em 28 ago. 2020.

PORTO, Mauro Pereira. **Enquadramento da Mídia e Política**. Salvador. Comunicação e política: conceitos e abordagens, Edufba, 2004.

QUIRINO, Kelly.; MOURA, Dione O. **Enquadramentos midiáticos, interseccionalidade e o genocídio de jovens negros brasileiros**: análise comparativa entre notícias e textos de opinião acerca da Chacina de Costa Barros, RJ, na Folha de S. Paulo. Rio de Janeiro: Revista e Copos/UFRJ, v.22, n.2, 2019.

QUIRINO, Kelly; Moura O. Dione. **Enquadramento jornalístico do genocídio de jovens negros**: estudo de caso da Chacina de Costa Barros na Folha de S. Paulo 1. Joinville- SC: Intercom, 2018.

QUIRINO, Kelly. **Enquadramentos e advocacy sobre o genocídio de jovens negros**: análise da cobertura da Folha de S. Paulo. Tese de Doutorado - Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, 2017.

RODRIGUES, Ana Lígia Muniz. **Trajetórias Imaginadas**: representações da juventude negra no cinema brasileiro contemporâneo. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2014.

RODRIGUES, João Carlos. **O negro brasileiro e o cinema**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. Companhia das Letras, 2019.

ROTHBERG, Danilo. **Enquadramento e metodologia de crítica de mídia**. Universidade Federal de Sergipe: SPBJor, 2007.

RIBEIRO, Dudu; SANTANA Luciene et al. **Racismo uma tecnologia de poder**. Bahia: Observatório da Segurança, 2020.

RAMOS, Silvia et al. **Racismo, motor da violência**: um ano da Rede de Observatórios da Segurança - Rio de Janeiro. Centro de Estudo de Segurança e Cidadania (CESeC), 2020

RAMOS, Silvia (Org.). **Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SENADO FEDERAL. **Violência contra juventude negra no Brasil**. Brasília: DataSenado, 2012

SILVA, Ademir L. **O negro brasileiro e o cinema**: história, militância e arquétipos raciais. Rebeca: Ed 6, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Sobre Imprensa Negra**. Universidade Federal de Juiz de Fora: Lumina, 1998.

STAM, Robert. **Multiculturalismo tropical** – uma história comparativa da raça na cultura e no cinema brasileiros. São Paulo: EDUSP, 2008.

VASCONCELOS, W. S. A *et al.* **A sociologia e as questões interpostas ao desenvolvimento humano**, Atena Editora, 2019.

WASELFSZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência**. Homicídios por armas de fogo no Brasil. FLACSO, 2016. Disponível em: <http://flacso.org.br/files/2016/08/Mapa2016_armas_web-1.pdf>. Acesso em 21 ago. 2020.

Url das notícias analisadas - G1

- 1- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/05/29/fundadora-do-bloco-ilu-oba-de-min-denuncia-caso-de-racismo-em-padaria-no-centro-de-sp.ghml>
- 2- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/29/dono-de-perfil-de-literatura-nas-redes-sociais-baiano-de-12-anos-e-vitima-de-injuria-racial-orgulho-de-minha-cor.ghml>
- 3- <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/27/escola-onde-aluna-foi-vitima-de-racismo-decide-afastar-adolescentes-que-suspeitos-de-ofensas.ghml>
- 4- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/05/27/mp-denuncia-delegado-por-crimes-de-discriminacao-e-injuria-racial-durante-o-carnaval-nao-almocaria-com-essa-negrada.ghml>
- 5- <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/01/rixa-entre-idosos-termina-em-morte-em-belo-horizonte.ghml>
- 6- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/02/video-policia-militar-do-df-e-flagrado-ao-agredir-homem-com-cassetete.ghml>
- 7- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/02/video-novas-imagens-mostram-pms-agredindo-homem-negro-com-cassetetes-no-df-policia-civil-investiga.ghml>
- 8- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/03/naquele-momento-eu-so-achava-que-ia-morrer-diz-homem-negro-agredido-por-pms-no-df.ghml>
- 9- <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/06/03/menino-que-sofreu-racismo-nas-redes-recebe-surpresa-da-academia-brasileira-de-letras.ghml>
- 10- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/03/baiano-de-12-anos-que-foi-vitima-de-racismo-nas-redes-sociais-recebe-doacao-de-livros-da-abl.ghml>
- 11- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/06/03/cafeteria-de-bairro-nobre-de-salvador-faz-post-pelo-blackouttuesday-e-e-chamada-de-racista-empresa-pede-desculpas.ghml>

- 12- <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2020/06/03/modelo-raielli-leon-acusa-livinho-de-racismo-durante-gravacao-de-clipe.ghtml>
- 13- <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/06/04/ser-preto-aqui-e-ter-sua-identidade-apagada-negros-relatam-como-o-racismo-afeta-o-cotidiano-de-quem-vive-no-ceara.ghtml>
- 14- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/03/educafro-pede-ao-mpf-abertura-de-acao-penal-por-racismo-contrapresidente-da-fundacao-palmares.ghtml>
- 15- <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2020/06/04/jovem-negro-sofre-ataques-racistas-nas-redes-sociais-em-ms-vai-la-resto-de-incendio.ghtml>
- 16- <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/06/04/estudante-denuncia-academia-por-injuria-racial-a-policia-apos-troca-de-mensagens-em-sertaozinho.ghtml>
- 17- <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/06/04/fariam-isso-se-eu-fosse-branca-questiona-jovem-negra-que-denunciou-agressao-por-funcionario-de-mercado.ghtml>
- 18- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/06/04/mae-de-santo-xingada-por-presidente-da-fundacao-palmares-presta-depoimento-ao-ministerio-publico-do-df.ghtml>
- 19- <https://g1.globo.com/pop-arte/video/livinho-pede-desculpas-para-modelo-apos-acusacao-de-racismo-8601649.ghtml>
- 20- <https://g1.globo.com/pop-arte/games/noticia/2020/06/04/canal-xbox-mil-grau-e-obrigado-pela-microsoft-a-mudar-de-nome-apos-acusacoes-de-racismo.ghtml>
- 21- <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2020/06/05/apos-ataques-racistas-departamento-de-comunicacao-da-ufrn-suspende-debates-virtuais-sobre-diversidade.ghtml>
- 22- <https://g1.globo.com/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2020/06/05/jovem-negro-relembra-racismo-ao-ser-expulso-de-casa-nos-eua-me-chamaram-de-lixo.ghtml>
- 23- <https://g1.globo.com/pe/paranaguaba/noticia/2020/06/05/caso-menino-miguel-a-nossa-supremacia-branca-e-assim-diz-historiadora.ghtml>

- 24- <https://g1.globo.com/pe/pe/paranagu%C3%A1/noticia/2020/06/05/caso-miguel-protesto-pede-justica-para-a-morte-de-menino-que-caiu-do-9o-andar-quando-estava-sob-a-guarda-da-patroa-da-mae.ghtml>
- 25- <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/06/05/violencia-policial-humilhacao-no-trabalho-e-barrado-em-shopping-negros-relatam-episodios-de-racismo.ghtml>
- 26- <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/05/mpf-abre-inquerito-para-apurar-suposto-crime-de-racismo-de-presidente-da-fundacao-palmares.ghtml>
- 27- <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/05/policia-conclui-inquerito-e-indicia-estudantes-por-ataques-racistas-a-aluna-de-colegio-da-zona-sul-do-rio.ghtml>
- 28- <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/06/07/brasileiros-negros-contam-como-sentem-e-vivem-o-racismo-no-dia-a-dia.ghtml>
- 29- <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2020/06/08/video-pianista-e-cientista-social-de-araraquara-relembra-as-situacoes-de-racismo-na-rotina.ghtml>
- 30- <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/10/policia-civil-aponta-intolerancia-racial-como-motivacao-para-homicidio-de-idoso-em-bh.ghtml>
- 31- <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/06/11/ele-chamava-meu-pai-de-macaco-e-vagabundo-diz-filha-de-idoso-assassinado-em-belo-horizonte.ghtml>
- 32- <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/07/14/homem-e-presos-por-racismo-e-ameaca-contrapassageiros-em-onibus-no-df.ghtml>
- 33- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/14/achei-que-ia-morrer-sufocada-como-george-floyd-diz-mulher-negra-que-teve-pescoco-pisado-por-pm-em-sp.ghtml>
- 34- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/06/15/vitimas-de-agressoes-da-pm-na-capital-e-grande-sp-tambem-relatam-ameaca-de-morte-e-racismo-dos-policiais-veja-videos.ghtml>
- 35- <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/06/17/anitta-condena-ataques-racistas-apos-ludmilla-receber-mensagens-nas-redes-sociais-criminosos-covardes-que-se-dizem-meus-fas.ghtml>
- 36- <https://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2020/06/17/pastor-chama-fieis-de-igreja-do-parana-de-moreninhos-encardidos-e-sujos-em-live-e-fala-repercute-na-internet.ghtml>

- 37- <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/06/18/ludmilla-fala-sobre-ataques-racistas-nao-vou-me-esconder-continuarei-denunciando.ghtml>
- 38- <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2020/06/18/modelo-paraense-sofre-ataques-racistas-em-concurso-nacional-de-quadrilha-junina.ghtml>
- 39- <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/06/20/estudante-gera-revolta-ao-comparar-dna-de-negros-com-correntes-em-sp.ghtml>
- 40- <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/06/23/policia-civil-conclui-que-pm-agiu-em-legitima-defesa-imaginaria-ao-matar-engenheiro-durante-abordagem-em-marau.ghtml>
- 41- <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/06/26/cervejaria-tira-rotulo-de-producao-depois-de-acusacao-de-racismo.ghtml>
- 42- <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/06/25/estudante-desiste-de-faculdade-apos-fazer-posts-racistas-nas-redes-sociais.ghtml>
- 43- <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/07/01/funcionaria-de-loja-diz-que-foi-chamada-de-preta-safada-por-cliente-que-se-recusou-a-higienizar-as-maos-com-alcool-em-gel.ghtml>
- 44- <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/02/professor-de-colegio-particular-de-niteroi-rj-e-vitima-de-racismo-durante-aula-virtual.ghtml>
- 45- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/06/ministerio-publico-denuncia-tres-pms-por-tortura-a-adolescente-apos-abordagem-violenta-no-bairro-de-paripe-em-salvador.ghtml>
- 46- <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/07/07/policia-civil-instaura-inquerito-para-apurar-posts-racistas-de-estudante-em-sp.ghtml>
- 47- <https://g1.globo.com/sp/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2020/07/09/camera-registra-momento-em-que-produtora-musical-e-enforcada-em-supermercado-video.ghtml>
- 48- <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/13/professor-de-niteroi-e-alvo-de-ofensas-raciais-pela-segunda-vez-em-menos-de-um-mes.ghtml>
- 49- <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/07/10/instituicoes-de-ensino-do-rs-sao-alvos-de-ataques-racistas-durante-atividades-online.ghtml>
- 50- <https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2020/07/13/manaus-registra-sete-casos-de-racismo-e-injuria-racial-nos-cinco-primeiros-meses-de-2020-diz-ssp.ghtml>

- 51- <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/07/15/motoboy-que-aparece-dizendo-nao-consigo-respirar-em-abordagem-policial-em-sp-chora-e-acusa-pms-de-tortura-em-video.ghml>
- 52- <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/07/21/advogado-de-jovem-detido-pela-guarda-municipal-em-fila-de-agencia-bancaria-diz-que-rapaz-foi-vitima-de-racismo-em-abordagem.ghml>
- 53- <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/videos/v/policia-investiga-abordagem-de-pms-que-deram-gravata-em-motociclista-negro/8724893/>
- 54- <https://g1.globo.com/pe/paranagu%C3%A1/noticia/2020/06/07/caso-miguel-jovens-levam-flores-e-velas-em-ato-por-justica-na-cidade-chefiada-pelo-pat%C3%A3o-da-m%C3%A3e-do-garoto-que-morreu-ao-cair-do-9o-andar.ghml>
- 55- <https://g1.globo.com/pe/paranagu%C3%A1/noticia/2020/06/07/caso-miguel-ele-ta-vivo-ta-viajando-nunca-diga-que-ele-morreu-diz-pai-de-crianca-que-morreu-ao-cair-do-9o-andar.ghml>

Url das notícias - Folha de S. Paulo

- 1-<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2helma-assis-diz-que-racismo-aumentou-apos-bbb-e-que-injuria-racial-e-inadmissivel.shtml>
- 2-<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/canal-expulso-da-twitch-xbox-mil-grau-rascunha-lugar-dos-games-no-mapa-das-guerras-culturais.shtml>
- 3-<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/06/caso-de-racismo-nos-games-requer-pessao-externa-para-que-xbox-se-posicione.shtml>
- 4-<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/jucakfour/2020/06/dois-goleiros-pretos-que-pagaram-preco-alto-pelo-fato-de-serem-negros.shtml>
- 5-<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/idoso-e-condenado-por-chamar-menino-de-negrinho-macaco-e-orelhudo-em-sp.shtml>
- 6-<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/06/ludmilla-diz-que-ataques-racistas-sao-tentativa-de-tirar-sua-humanidade.shtml>
- 7-<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/06/anitta-se-posiciona-sobre-ataques-racistas-que-ludmilla-vem-sofrendo-dos-seus-fas.shtml>
- 8-<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/06/alcione-e-outros-famosos-saem-em-defesa-de-ludmilla-apos-ataque-racista-inaceitavel.shtml>

- 9-<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/cevejaria-em-sp-tira-de-site-rotulo-com-ilustracao-de-escrava-apos-acusacao-de-racismo.shtml>
- 10-<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/07/grifes-sao-o-novo-alvo-de-protestos-antirracistas-e-modelos-lideram-denuncias.shtml>
- 11-<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/06/bombril-retira-esponja-krespinha-do-portfolio-apos-acusacao-de-racismo.shtml>
- 12-<https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2020/07/vitima-de-racismo-jogador-brasileiro-deixa-de-ir-ao-mercado-na-georgia.shtml>
- 13-<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/padres-e-ex-seminarista-negros-relatam-racismo-dentro-da-igreja-catolica.shtml>
- 14-<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/policial-pisa-no-pescoco-de-mulher-negra-e-arrasta-a-vitima-na-zona-sul-de-sp.shtml>
- 15-<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/07/casos-de-abusos-de-policiais-em-abordagem-sao-rotina-no-brasil.shtml>

Url das notícias - O Estado de S. Paulo

- 1-<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/humilhacao-publica-no-trabalho-racismo-e-justica/>>
- 2-<https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,grafite-agora-a-luta-esta-mais-igual-mas-mudar-a-estrutura-racista-ainda-vai-levar-muito-tempo,70003348753>>
- 3-<https://cultura.estadao.com.br/blogs/direto-da-fonte/o-negro-se-for-rico-e-aceito-diz-alex-ferrer/>
- 4-<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,racismo-nos-eua-tradicao-no-brasil,70003363009>
- 5-<https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/george-floyd-o-cotidiano-brasileiro/>
- 6-<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,no-limite-mudou-regra-ajudou-faustao-e-teve-caso-de-racismo,70003373007>
- 7-<https://politica.estadao.com.br/blogs/gestao-politica-e-sociedade/imigrantes-e-refugiados-tambem-contam-acirramento-da-invisibilidade-em-tempos-de-pandemia/>

